



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Duas guerras, quatro histórias: Uma análise comparativa dos efeitos de *framing* na cobertura mediática dos conflitos russo-ucraniano e iemenita

Juliana Sofia Vieira Fernandes

Mestrado em Ciência Política

Orientador:

Doutor José Santana Pereira, Professor Associado com Agregação
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro de 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Duas guerras, quatro histórias: Uma análise comparativa dos efeitos de *framing* na cobertura mediática dos conflitos russo-ucraniano e iemenita

Juliana Sofia Vieira Fernandes

Mestrado em Ciência Política

Orientador:

Doutor José Santana Pereira, Professor Associado com Agregação
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro de 2024

Agradecimentos

Não posso iniciar esta dissertação sem agradecer profundamente a todos os que contribuíram para a sua existência. Desta forma, começo por agradecer a todos os professores que se disponibilizaram para colaborar com a experiência, dedicando parte das suas aulas à mesma. Obrigada, Prof. Susana Rogeiro Nina, Prof. Marcos Farias Ferreira, Prof. Ana Belchior, Prof. Ana Espírito Santo e Prof. Teresa Nogueira Pinto. Agradeço também pela disponibilidade de todos os participantes que tiraram um tempinho para contribuir para esta experiência.

Este trabalho não teria avançado sem o apoio do meu orientador, Prof. José Santana Pereira. Apesar de eu não ter sido a orientanda ideal, o professor nunca desistiu de mim e esteve sempre disponível para resolver as minhas dúvidas e para assegurar-me de que este caminho era o mais certo. Agradeço também por ter acolhido tão bem, desde início, a decisão por este tema. Não poderia ter feito outra escolha quanto à orientação nesta dissertação.

Agradeço ao meu namorado, Hugo Neves, por ter sido o meu porto de abrigo na altura em que as dúvidas se sobrepuseram à confiança nas minhas capacidades, por me incitar a avançar independentemente de tudo e por ser o melhor companheiro de conversas políticas que alguma vez poderia ter.

Obrigada à minha irmã, por ser a melhor que poderia ter, por acreditar sempre em mim e estar comigo em todos os momentos.

Obrigada à minha mãe, que sempre acreditou que eu poderia ter uma vida melhor.

Obrigada às minhas amigas do coração, por serem sempre as melhores, por confiarem mais em mim do que eu própria e por fazerem parte de todas as fases da minha vida. Obrigada aos amigos das tertúlias políticas (às vezes acesas), pelo apoio e pela troca de ideias, que me ajudaram a construir as seguintes páginas.

Obrigada à Célia, pelas conversas semanais e por todo o incentivo.

Finalmente, resta-me agradecer ao ISCTE e a todos os professores que tive o prazer e privilégio de conhecer nesta caminhada, tanto pelos ensinamentos, como pela disponibilidade e palavras incentivadoras.

Resumo

O *framing* de notícias tem sido descrito como capaz de alterar as percepções das audiências quanto a diversos temas. No que tange ao entendimento de conflitos armados, a cobertura noticiosa é crucial, já que esta tende a ser parcial. Ainda que vários estudos tenham confirmado os efeitos de *framing* em contexto de conflitos armados, esta dissertação pretendeu adicionar valor à área de estudo por comparar duas guerras catastróficas nas suas consequências humanitárias, mas assimétricas na sua visibilidade mediática em Portugal. Para tal, foi realizada uma experiência laboratorial com o objetivo de verificar a existência dos efeitos de *framing* de ênfase unilateral nos *frames* individuais e avaliações de diferentes atores, esperando-se que os participantes tendessem a optar por interpretações quanto às ações das partes e suas avaliações de acordo com o *frame* a que são expostos, especialmente quando comparados com participantes que não leram notícias enviesadas. Tendo em conta a mediatização do conflito russo-ucraniano, esperou-se também que os grupos que lessem notícias enviesadas sobre este conflito não fossem tão influenciados quanto os indivíduos alocados ao conflito iemenita. No geral, os resultados confirmaram estas hipóteses, tendo-se notado diferenças entre as respostas dos participantes expostos a artigos relativos ao conflito iemenita e ao conflito na Ucrânia. Especificamente, os grupos expostos aos *frames* do conflito iemenita mostraram-se mais propensos a seguir os mesmos, ao passo que os grupos expostos às notícias sobre o conflito russo-ucraniano não adotaram os *frames* ali presentes na mesma medida. Assim, conclui-se que conflitos alvo de maiores níveis de cobertura mediática, sendo, consequentemente, mais familiares, estão associados a efeitos do *framing* mais reduzidos, quando comparados com conflitos menos mediatizados.

Palavras-Chave: Efeitos de *Framing*; *Framing* de Ênfase Unilateral; Estudo Experimental; Conflito Russo-Ucraniano; Conflito Iemenita

Abstract

News framing has been described as capable of altering audience perceptions on various topics. Regarding the understanding of armed conflicts, news coverage is crucial, as it tends to be biased. Although several studies have confirmed the effects of framing in the context of armed conflicts, this dissertation aimed to add value to the field by comparing two catastrophic wars in their humanitarian consequences but asymmetric in their media visibility in Portugal. To this end, a laboratory experiment was conducted to verify the existence of framing effects of unilateral emphasis on individual frames and evaluations of different actors, with the expectation that participants would tend to interpret the actions of the parties and their evaluations according to the frame they were exposed to, especially when compared to participants who did not read biased news. Given the mediatization of the Russian-Ukrainian conflict, it was also expected that groups reading biased news about this conflict would not be as influenced as individuals allocated to the Yemeni conflict. Overall, the results confirmed these hypotheses, with differences noted between participants exposed to articles on the Yemeni conflict and the war in Ukraine. Specifically, the groups exposed to the Yemeni conflict frames were more likely to follow them, while the groups exposed to news about the Russian-Ukrainian conflict did not adopt the frames present to the same extent. Thus, it is concluded that conflicts subject to higher levels of media coverage, and consequently more familiar, are associated with reduced framing effects compared to less mediatized conflicts.

Keywords: Framing Effects; Unilateral Emphasis Framing; Experiment; Russian-Ukrainian Conflict; Yemeni Conflict.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Efeitos mediáticos e framing em cenários de conflito	3
1.1 Dos paradigmas dos efeitos mediáticos ao conceito fragmentado de framing	3
1.2. Efeitos de framing	6
1.2.1 Natureza dos efeitos	8
1.2.2 Efeitos de frames de valência oposta	10
1.3 Framing de conflitos armados	12
1.3.1 A importância da intensidade da cobertura mediática e da familiaridade com o conflito armado	15
Capítulo II - Objetivos, Hipóteses e Método	17
2.1 Objetivos e Hipóteses	17
2.2 Método	21
2.2.1 Desenho Experimental	22
2.2.2 Estímulos	23
2.2.3 Variáveis Dependentes	27
2.2.4 Procedimento	29
2.2.5 Participantes	29
Capítulo III - Resultados	32
3.1 Síntese dos Resultados e Discussão	40
Conclusão	43
Referências Bibliográficas	45
Anexos	57
Anexo 1. Os conflitos: Considerações contextuais	57
1.1 Conflito na Ucrânia	57
1.2 Conflito no Iémen	59
Anexo 2. Texto dado ao grupo Frame “Operação Militar especial”	61
Anexo 3. Texto dado ao grupo Frame “Invasão Imperialista”	63
Anexo 4. Texto dado ao grupo Frame “Agressão Militar”	65
Anexo 5. Texto dado ao grupo Frame “Agressões Ilegítimas”	67
Anexo 6. Texto dado aos grupos de controlo	68
Anexo 7. Questionário aplicado aos grupos alocados ao conflito russo-ucraniano	70
Anexo 8. Questionário aplicado aos grupos alocados ao conflito iemenita	74

Índice de Tabelas e Figuras

Tabela 1. <i>Frames</i> , correspondente valência e enredo apresentado.....	24
Tabela 2. Médias do primeiro pré-teste: Conflito russo-ucraniano	25
Tabela 3. Médias do primeiro pré-teste: Conflito Iemenita.....	25
Tabela 4. Médias do segundo pré-teste: Conflito russo-ucraniano	26
Tabela 5. Médias do segundo pré-teste: Conflito Iemenita.....	27
Tabela 6. Medição dos <i>frames</i> individuais.....	28
Figura 1. <i>Frames</i> individuais do conflito russo-ucraniano	33
Figura 2. <i>Frames</i> individuais do conflito iemenita	36
Figura 3. Avaliações dos atores envolvidos no conflito russo-ucraniano.....	38
Figura 4. Avaliações dos atores envolvidos no conflito iemenita.....	40

Abreviaturas

CCG – Conselho de Cooperação do Golfo.

CEI – Comunidade de Estados Independentes.

EUA – Estados Unidos da América.

MPRD – Movimento Pró-Russo de Donbass.

ACNUDH – Escritório do Alto-comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte.

TNP – Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares.

UAE – União Aduaneira da Eurásia.

UE – União Europeia.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Introdução

Atualmente, os média desempenham um papel fulcral na transmissão de informações, principalmente quando se trata de fenômenos complexos como é o caso da política. Aludindo à Alegoria da Caverna de Platão, essa representação mediática pode ou não corresponder exatamente à realidade, o que suscita uma reflexão sobre a possibilidade de os média influenciarem as percepções individuais. Quando se trata de fenômenos longínquos, como é o caso de questões de política externa, o papel dos média toma outra dimensão, no sentido em que são a fonte quase exclusiva de informação em relação ao que se passa além-fronteiras (Soroka, 2003).

Esta primazia dos meios de comunicação enquanto fonte de notícias sobre fenômenos políticos é atestada pelos inúmeros estudos realizados na disciplina de Ciência Política. No que toca especialmente ao *framing* (em português, enquadramento¹), são vários os processos que podem ser analisados, sendo que a presente dissertação se centrou nos efeitos de *framing* nas percepções individuais. Deste processo derivam dois tipos de efeitos, nomeadamente os efeitos de equivalência e efeitos de ênfase (Druckman, 2001a), sendo que estes últimos ocorrem na sequência da exposição a uma comunicação focada em certas considerações em detrimento de outras (Cacciatore et al, 2016; Druckman, 2001b), podendo ter como consequência uma maior possibilidade de impactar a opinião (Entman et al, 2008). Ainda que a literatura levante alguns problemas no que toca aos efeitos de *framing*, nomeadamente a dificuldade em separá-los de outros efeitos dos média (Cacciatore et al, 2016; Leeper & Slothuus, 2018), esta área de estudos tem-se consolidado ao longo das últimas décadas.

É de salientar que os estudos centrados neste tópico empregam, maioritariamente, *frames* de ênfase (Brugman & Burgers, 2018). É possível destacar estudos de efeitos de ênfase focados na comparação entre *frames* unilaterais (por exemplo, Druckman & Nelson, 2003; Nelson et al, 1997; Nelson & Oxley, 1999; Slothuus, 2008). Estes *frames* são, geralmente, dotados de uma valência específica, cuja capacidade de alterar percepções individuais já foi corroborado por diversas investigações (Bullock & Vedlitz, 2017; De Vreese & Boomgaarden, 2003; Moniz, 2016; Nelson et al., 1997; Nelson & Oxley, 1999; Schuck & De Vreese, 2006; Slothuus, 2008).

Adicionalmente, vários estudos demonstram o impacto do *framing* nas avaliações de atores, seja em situações que envolvem países, ou candidatos políticos (Brewer et al., 2003; 2010; Nina e Santana Pereira, 2021; Rill & Davis, 2008). Há também que considerar estudos relativos à importância da familiaridade na eficácia dos efeitos mediáticos (Han & Shoemaker, 2009; Nina e Santana Pereira, 2021; Shehata et al., 2024). No caso específico de conflitos armados, cuja cobertura é marcada pelo recurso a *frames* de ênfase unilaterais (Aday, 2006; Bayulgen & Arbatli, 2013; Viser, 2003), algumas

¹ Optou-se pela preferência do termo em inglês – *framing* – para ser possível distanciar o conceito científico em si de possíveis conotações associadas ao termo.

investigações têm demonstrado que os *frames* mediáticos têm, de facto, impacto nas percepções individuais (por exemplo, Beattie & Milojevich, 2017; Berinsky & Kinder, 2006).

Tendo tudo isto em mente, bem como a noção de que a comparação do *framing* noticioso entre dois conflitos distintos é rara na literatura, esta dissertação pretendeu contribuir para colmatar essa lacuna, ao comparar dois conflitos que se diferenciam pela sua mediatização e consequentes níveis de informação – o conflito russo-ucraniano e o conflito iemenita. Além disso, a pertinência do estudo de ambos os conflitos advém da sua atualidade e das consequências potencialmente gravosas para a ordem do sistema internacional vigente. Assim, o principal objetivo deste trabalho é determinar se existe impacto dos *frames* mediáticos de dois conflitos com diferentes níveis de cobertura nos *frames* individuais e avaliações por parte dos indivíduos expostos aos mesmos. Para tal, levou-se a cabo uma experiência em que três grupos foram alocados à análise do conflito russo-ucraniano e outros três ao conflito iemenita. Os grupos alocados a cada conflito foram expostos a notícias com valência inversa sobre os atores (e suas ações) envolvidos num dos conflitos ou a uma notícia sobre o meio ambiente (grupo de controlo). Os participantes responderam a um questionário após a leitura das notícias, de forma a avaliar as suas percepções acerca dos conflitos em questão.

Estruturalmente, esta dissertação está dividida em quatro capítulos, para além desta introdução. A revisão de literatura corresponde ao primeiro capítulo, no qual é apresentado um breve resumo da história dos efeitos mediáticos, bem como dos conceitos e estudos relevantes para o desenvolvimento desta investigação, nomeadamente relacionados com os efeitos de *framing* e *framing* de conflitos armados. De seguida, o segundo capítulo é dedicado à metodologia, onde se apresentam os principais objetivos deste estudo, as hipóteses a testar e o método adotado. O terceiro capítulo é referente ao teste das hipóteses. Por fim, nas conclusões, procedeu-se à discussão sobre os resultados, bem como das principais limitações do trabalho, fazendo-se sugestões para trabalhos futuros neste âmbito.

Capítulo I - Efeitos mediáticos e *framing* em cenários de conflito

1.1 Dos paradigmas dos efeitos mediáticos ao conceito fragmentado de *framing*

Através da seleção e processamento de conteúdo com relevância política, os média podem ser considerados uma fonte de poder, no sentido em que intervêm na formação de opinião e na difusão de influência (Habermas, 2006). Por essa razão, a capacidade de influência mediática na formação de opinião pública e, conseqüentemente, na vida social e política tem sido alvo da atenção acadêmica (por exemplo, Herman & Chomsky, 1988; Lippmann, 1922; McCombs & Shaw, 1972; Noelle-Neumann, 1984; Zaller, 1992).

A evolução da compreensão desta interação entre os média e a opinião pública pode ser estruturada em paradigmas, segundo Cacciatore et al. (2016) e Scheufele (1999). O período entre os primórdios do séc. XX e o final dos anos 30 é marcado pelo primeiro paradigma, em que predominava a teoria da agulha hipodérmica, baseada na ideia de que as mensagens provenientes dos média seriam injetadas nas mentes dos indivíduos, pelo que Lasswell (1927) argumentava que a propaganda se traduz num mecanismo de estímulo-resposta. Seguem-se teorias que questionam os efeitos absolutos dos efeitos mediáticos, designadamente a teoria dos efeitos mínimos, desenvolvida por Lazarsfeld et al. (1944). Este segundo paradigma dos efeitos mediáticos baseia-se no modelo de comunicação *two step flow*, que essencialmente salienta a importância dos líderes de opinião na explicação de atitudes e opiniões públicas, tornando a influência mediática mais reduzida (Katz e Lazarsfeld, 1955; Kinder, 1998; Lazarsfeld et al., 1944). O terceiro paradigma diz respeito a teorias dos primeiros anos da década de 70, que em certa medida reavivaram a noção de efeitos mediáticos fortes (Cacciatore et al., 2016; Scheufele, 1999).

A teoria da *agenda-setting* abre portas ao quarto paradigma dos efeitos mediáticos, que, surgindo também nos anos 70, teve o seu auge nos anos 80 e 90 (Cacciatore et al., 2016; Scheufele, 1999). Esta teoria baseia-se no pensamento de Lippmann (1922), que sublinha a possibilidade de a realidade ser construída pelos meios de comunicação social, através da sua cobertura dos fenómenos nacionais e mundiais mais relevantes, em concreto através da escolha e interpretação das notícias, pelo que as opiniões individuais tendem a ser uma resposta às imagens mentais fornecidas pelos média. O primeiro estudo empírico de *agenda-setting* foi reportado por McCombs e Shaw na sua publicação de 1972. Os autores encontram uma congruência entre os assuntos considerados relevantes por 100 eleitores (agenda pública) e os assuntos destacados pelos média (agenda mediática), chegando à conclusão de que a saliência dada a determinados assuntos pelos média influencia a importância que cada indivíduo atribui aos mesmos. Porém, a escola de McCombs vai além da agenda de objetos, referindo que existe um outro nível de análise que deve ser considerado, designadamente o que diz

respeito aos atributos² de cada questão alvo de destaque mediático, que variam na sua saliência e que contribuem para construir formas de pensar sobre esses objetos (McCombs et al., 1997). Deste modo, o foco em alguns atributos em detrimento de outros contribui para a diferença de perspectiva relativa a um dado assunto (McCombs, 2011), existindo uma transferência desses atributos da descrição mediática para o pensamento das audiências (Coleman et al., 2009; McCombs, 2005). Com isto, a *agenda-setting* divide-se em dois níveis de análise: a *agenda-setting* de primeiro nível e a de segundo nível (também designada *agenda-setting* de atributos). Como nota Santana Pereira (2024), parte da literatura associa o *framing* a este segundo nível da *agenda-setting*.

A teoria da *agenda-setting* foi pioneira na literatura sobre os efeitos cognitivos dos meios de comunicação, paradigma que se desenvolveu, passando a incluir outros conceitos, como o *priming* e *framing* (Santana Pereira, 2024). Enquanto a *agenda-setting* reflete o processo de transferência de importância dos assuntos destacados nos média para o peso atribuído a esses assuntos pelos indivíduos, o conceito de *priming* é “uma extensão da *agenda-setting* e aborda o impacto da cobertura noticiosa no peso atribuído a questões específicas na formação de julgamentos políticos” (Iyengar & Simon, 1993, p. 368, *minha tradução*), nomeadamente nas avaliações do desempenho ou da personalidade de líderes políticos. Essencialmente, o foco dado a certos temas e características pelos média quando falam de líderes políticos traduz-se numa maior atribuição de importância a esses temas e características quando as pessoas avaliam e caracterizam a atuação desses líderes.

Não obstante a importância da definição de uma agenda política por parte dos média, o público parece não ter apenas como fator influenciador da sua opinião a quantidade de notícias a que é exposto sobre um determinado tema, mas também o tipo de notícias sobre o mesmo, pelo que a forma como o conteúdo mediático é apresentado também importa (Iyengar & Kinder, 2010). Nesse sentido, o enquadramento realizado pelos média sobre um determinado tema, especificamente a descrição, as informações que são apresentadas e a ênfase de determinados elementos em vez de outros, é relevante quando se fala da influência mediática na moldagem de opiniões. O *framing* destaca-se, assim, por esculpir a narrativa acerca de um tema específico, influenciando atitudes e opiniões.

Visto que o conceito tem sido largamente estudado no âmbito de várias áreas científicas, como a ciência política, comunicação, psicologia, entre outras, a sua conceptualização e operacionalização tem sido um tema fraturante na literatura. Por essa razão, o conceito tem sido tratado como “fraturado, com peças aqui e ali” (Entman, 1993, p. 51, *minha tradução*), ou “o menos bem definido dos modelos de efeitos mediáticos” (Weaver, 2007, p. 146, *minha tradução*). Perante o número elevado de formas de conceptualização, é necessário um trabalho rigoroso quanto à especificação do significado de *framing* e *frames*, bem como uma operacionalização consistente dos mesmos (Entman et al., 2008; Mathes, 2009).

² Segundo McCombs et al. (1997, p. 706), os atributos podem ser substantivos (como a posição de políticos sobre um determinado assunto e descrições da sua personalidade), ou afetivos (descrições positivas, negativas ou neutras).

Quanto ao conceito de *framing per se*, o trabalho de Goffman (1974) é referido por vários autores como dos primeiros a mencionar esta ideia (por exemplo, Entman et al., 2008; Pan & Kosicki, 1993; Scheufele, 2000; Simon & Xenos, 2000). Sucintamente, o termo diz respeito à tendência para utilizar esquemas de interpretação, ou *frames*, como dispositivos de organização e categorização das vivências, de forma a compreendê-las, pelo que os *frames* possibilitam localizar, perceber, reconhecer e categorizar determinados eventos (Goffman, 1974, p. 21). Seguindo a ideia de Entman (1993, p. 52, *minha tradução*), o ato de enquadrar implica “selecionar alguns aspetos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de modo a promover uma definição específica do problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito”. Assim, enquadrar significa definir problemas, diagnosticar causas, exercer julgamentos morais e sugerir soluções para os problemas identificados, ainda que, segundo o autor, não seja necessário cumprir todas estas funções.

Relativamente aos *frames*, é possível fazer duas observações. Primeiramente, a distinção entre *frames* e outras formas de comunicação reside na repetição das mesmas características e objetos, alcançada através de uma escolha lexical e simbólica semelhante, de forma a transmitir um entendimento específico de um acontecimento, entidade, ou manifestação de apoio a uma determinada medida, muitas vezes acompanhado de avaliações morais e de pendor emocional (Entman et al., 2008, p. 177). Na mesma linha de raciocínio, Pan e Kosicki (1993) estabelecem que as escolhas lexicais podem funcionar como dispositivos de *framing*, já que são reconhecíveis e, portanto, podem ser manipulados de forma a transmitir um certo sentido. Não só podemos considerar as palavras em si como dispositivos de *frames*, mas também a ausência de determinados termos, a presença de frases, fontes de informação e frases imbuídas de factos e julgamentos específicos (Entman, 1993).

Segundamente, estes dispositivos só são significativos quando se pretende criar um certo efeito, ou seja, quando se usa um determinado termo para estabelecer um significado específico (Pan & Kosicki, 1993, p. 59). Aqui, a ideologia pode também ter um papel fundamental na definição dos rótulos a atribuir a determinado fenómeno político (Iyengar & Simon, 1993; Pan & Kosicki, 1993). Este significado vai variar consoante fatores individuais e contextuais (Pan & Kosicki, 1993). Em concreto, os conhecimentos e crenças anteriores desempenham um papel importante, pelo que os *frames* mediáticos nem sempre vão influenciar o pensamento individual (Entman, 1993), principalmente quando se trata de alguém com convicções fortes acerca de determinado assunto (Druckman, 2011).

Em suma, segundo Entman et al. (2008, p. 177), os *frames* evocam elementos consistentes de esquemas armazenados anteriormente, criando associações mentais para uso futuro. A exposição repetida a esses *frames* por um certo período de tempo exponencia a probabilidade de respostas específicas no futuro, enquanto reduz a possibilidade de se considerar outras características igualmente relevantes (Entman et al., 2008, p. 177).

Tipologicamente, podemos distinguir *frames* genéricos de *frames* específicos de um tema. Os primeiros são transversais a diversos temas, já os segundos são característicos de questões ou acontecimentos concretos, havendo a possibilidade de cada um destes ter enquadramentos específicos distintos (Brugman & Burgers, 2018; De Vreese, 2005; Entman et al., 2008; Matthes, 2009). A título de exemplo, *frames* referentes a assuntos como as alterações climáticas são concretos e aplicáveis a temas que estejam relacionados com o meio ambiente e são, por isso, específicos de um tema (Brugman & Burgers, 2018). Todavia, como refere De Vreese (2005) e Scheufele (1999), o *frame* da responsabilidade utilizado por Iyengar (1991), considerado um *frame* genérico, pode ser aplicado a qualquer questão que se pretenda enquadrar enquanto fruto da responsabilidade de alguma entidade.

1.2. Efeitos de *framing*

Segundo Entman et al. (2008), a literatura que incide sobre o *framing* tende a centrar-se numa de várias perspectivas: *framing* estratégico, jornalístico, no conteúdo mediático e, por último, efeitos do *framing*. De acordo com os autores, o *framing* estratégico está relacionado com a utilização estratégica de certos *frames* pelas elites políticas com o fim de mobilizar a opinião em seu benefício. Já a vertente jornalística do *framing* diz respeito aos *frames* orientadores do processamento de informação e construção de comunicações mediáticas realizada pelos jornalistas. Esta abordagem distingue-se da relacionada com os *frames* no conteúdo mediático, que se centra na identificação de *frames*, analisando a escolha e saliência de determinados pontos de uma questão, através da observação de imagens, metáforas, sujeitos e mensagens. A presente investigação incide sobre a última abordagem — os efeitos de *framing* —, na medida em que explora a possibilidade das comunicações mediáticas poderem afetar a opinião individual sobre um determinado assunto.

Alguns autores notam que pode haver a necessidade de encarar o *framing* através de uma lente construtivista, ou seja, considerar não só os efeitos das mensagens na audiência, mas também a forma como estas são criadas e processadas (De Vreese, 2005; Scheufele, 1999, 2000; Scheufele & Tewksbury, 2007). Destarte, Scheufele (1999, 2000) perspectiva o *framing* como um processo num todo, dividido em três níveis³, ou processos. O *frame-building* consiste no processo mediante o qual os jornalistas decidem enquadrar uma notícia de determinada forma, através da influência de fatores sociais e organizacionais, pressões políticas, processo jornalístico e ideologias (Scheufele, 2000). Já o *frame-setting* diz respeito à relação entre *frames* mediáticos e os *frames* das audiências (Scheufele, 2000). Especificamente, tal como nota De Vreese (2005, p. 52, *minha tradução*), este processo tem que ver com a “interação entre os *frames* dos média e o conhecimento prévio e as predisposições dos indivíduos”, *i.e.*, à forma como as interpretações das pessoas são moldadas em conjunto com a informação prévia que detêm e em que acreditam. Por último, as consequências a nível individual do

³ Scheufele (1999, 2000) nota que se deve considerar um quarto processo, designadamente o relativo à possibilidade dos jornalistas serem susceptíveis aos seus próprios enquadramentos, tal como as audiências.

framing são entendidas por Scheufele (1999, 2000) enquanto as ações políticas, geralmente variáveis dependentes, resultantes dos *frames* individuais, variáveis independentes. Podem, ainda, destacar-se consequências a nível da sociedade, designadamente as relacionadas com processos de socialização política, ação coletiva e tomada de decisões (De Vreese, 2005).

Subjacente à ideia dos efeitos do *framing* está a distinção entre os *frames* no pensamento – ou *frames* individuais, de acordo com Scheufele (1999) – e *frames* mediáticos. Os *frames* mediáticos traduzem-se nas palavras, metáforas, frases, símbolos, estilos de apresentação e imagens visuais constantes numa notícia (Druckman, 2001a; Entman, 1991). Essas imagens surgem de forma consistente, transmitindo determinados significados coerentes, incitando os indivíduos expostos às notícias a desenvolver um certo entendimento ou percepção acerca de um evento (Druckman, 2001a; Entman, 1991). Ora, os *frames* individuais são esse entendimento, resultado da exposição a um *frame* mediático, que determinam a compreensão sobre uma determinada situação, orientadora de interpretações individuais da informação a que foram expostos, bem como das informações que irá receber posteriormente acerca do tema (Entman, 1991). Estes decorrem de experiências prévias, acontecimentos internacionais atuais, bem como da comunicação interpessoal, política e dos média (Druckman, 2011). A maioria das investigações centradas nas consequências a nível individual estabelece uma conexão direta entre os *frames* mediáticos e os *frames* individuais, pelo que Scheufele (1999) nota que a relação entre estes pode ser mediada pelas predisposições da audiência, considerando que não existe certeza quanto à adoção dos *frames* mediáticos pelo público, nem quanto à utilização desses mesmos no processamento de informação.

Considerando o processo de efeitos de *framing* enquanto o impacto dos *frames* mediáticos na formação dos *frames* individuais, Druckman (2001a, p. 228) distingue entre dois tipos de efeitos de *framing*: os efeitos de equivalência e os efeitos de ênfase. Segundo o autor, os “efeitos de *framing* de ênfase ocorrem quando, no decorrer da descrição de um assunto ou evento, a ênfase de um orador num subconjunto de considerações potencialmente relevantes faz com que os indivíduos se concentrem nessas considerações ao construir suas opiniões” (Druckman, 2001a, p. 1042). Enquanto os *frames* de equivalência representam informações com a mesma validade lógica apresentadas de formas diferentes, os *frames* de ênfase preocupam-se com a seleção de uns argumentos em detrimento de outros, destacando dimensões distintas de uma questão (Cacciatore et al., 2016).

Os *frames* de ênfase podem resultar na maior possibilidade de afetar a opinião pública, tendo como consequência opiniões antagónicas sobre a mesma questão ou evento (Entman et al., 2008), algo que a presente investigação pretende analisar. Embora o estudo dos efeitos dos *frames* de equivalência seja relevante para investigações em áreas como a racionalidade a nível individual, esta forma de enquadrar não é a mais propagada nas comunicações mediáticas e discursos políticos, pois a realidade mostra-nos que os atores políticos tendem a fornecer novas informações ou símbolos, apresentando a sua interpretação do assunto, focando-se num aspeto característico da questão política (Slothuus, 2008, p. 3). Além disso, um indivíduo suficientemente motivado para avaliar a aplicabilidade de um *frame*,

provavelmente identificaria que a informação seria logicamente equivalente e, por conseguinte, o efeito da exposição resultaria em indiferença (Chong & Druckman, 2007a, p. 114). Há ainda que ter em conta que os efeitos dos *frames* de ênfase podem ser compreendidos apenas como a interpretação de um assunto, assumindo que os efeitos atitudinais enquanto consequências posteriores possíveis e não inevitáveis (Kaiser, 2020).

Ainda que os estudos sobre efeitos de *framing* sejam, na sua maioria, focados em *frames* de ênfase (Brugman & Burgers, 2018), poderá permanecer a dificuldade de separar o *framing* de ênfase de outros modelos de efeitos mediáticos, inclusivamente os relativos a efeitos persuasivos, o que afeta especialmente trabalhos experimentais (Cacciatore et al., 2016). A razão para tal dificuldade prende-se com o facto de várias investigações não separarem os efeitos persuasivos daqueles decorrentes da saliência, tornando-se difícil perceber se as opiniões são modificadas pela ênfase em dimensões alternativas de uma questão ou pela inserção de novas informações (Cacciatore et al., 2016; Leeper & Slothuus, 2018). Assim, a literatura pode ter sobrevalorizado o efeito real do *framing* de ênfase, já que a inclusão de notícias manipuladas com informações novas tem uma grande capacidade de transformação de opiniões comparativamente aos efeitos de um *frame* de ênfase isoladamente (Leeper & Slothuus, 2018, p.42). Por essas razões, autores como Cacciatore et al. (2016) argumentam que a forma de evitar confusão entre modelos de efeitos mediáticos, seria abandonar conceptualizações de *framing* de ênfase e apenas focar a investigação em *framing* de equivalência, já que estes últimos estão mais focados nas mudanças na apresentação da informação do que no seu valor persuasivo.

Relativamente a esta dificuldade de distinção entre os efeitos de *framing* e os outros modelos, principalmente por se seguir uma conceptualização de *framing* baseada na saliência, Kaiser (2020, p.6, *minha tradução*) argumenta que a definição permite a construção de *frames* “seleccionando informações específicas de questões e apresentando apenas este subconjunto de informações temáticas (...)”, ora omitindo informações incongruentes com o *frame*, ora não omitindo informações, recorrendo apenas ao aumento da saliência do *frame*. Tal como foi referido por Entman (1993), a omissão de informações é, também, uma forma de enquadrar uma notícia, já que a forma como a informação é recebida e processada depende do conhecimento existente sobre *frames* alternativos. Por considerar que os *frames* de ênfase não enfatizam apenas certas questões em prejuízo de outras, mas também adicionam informações novas, Kaiser (2020) considera que estudos anteriores sobre efeitos de *framing* de ênfase confirmam a existência de efeitos atitudinais resultantes de uma mistura de *frames* e de informações temáticas específicas, que também considera efeitos de *framing* de ênfase.

1.2.1 Natureza dos efeitos

Parte da literatura dedicou-se ao estudo dos processos psicológicos subjacentes aos efeitos do *framing*. Ainda que o foco desta dissertação não seja compreender como os efeitos do *framing* tomam lugar, importa perceber a forma como tem sido abordada esta questão.

A abordagem relativa aos mecanismos psicológicos centra-se nos mediadores cognitivos dos efeitos dos *frames*, mais precisamente na forma como estes afetam o processamento de informação e, conseqüentemente, as atitudes (Kaiser, 2020). Assim, os efeitos de *framing* podem ser encarados enquanto efeitos de acessibilidade, aplicabilidade ou disponibilidade. Além disso, autores como Schuck e Feinholdt (2015) também referem o papel mediador das emoções, notando que os estudos dos efeitos do *framing* necessitam de uma abordagem cognitivo-emocional agregada.

No que toca à acessibilidade, a ideia nuclear de autores como McCombs e Ghanem (2001) é a de que a saliência de um *frame* aumenta a acessibilidade deste na memória, sendo que os indivíduos tendem a resgatar a informação com maior acessibilidade temporária aquando da formação de opiniões políticas. Essencialmente, as “cognições que são acessíveis estarão ‘no topo da cabeça’ e, portanto, são mais propensas a influenciar a opinião do que cognições inacessíveis” (Entman et al., 2008, p. 183, *minha tradução*). Este modelo parte da premissa de que os humanos tendem a simplificar, economizar esforço e se contentar com estratégias aceitáveis em vez de ideais (Iyengar, 1990). Assim sendo, os efeitos dão-se de forma inconsciente, de forma quase similar ao processo de *agenda-setting* de segundo nível, que atua aumentando a acessibilidade de certas considerações, tornando-as mais propensas a serem utilizadas (Kaiser, 2020).

Já a aplicabilidade refere-se à combinação de um segmento do conhecimento de um indivíduo e um estímulo, sendo que a probabilidade da informação ser ativada cresce na proporção da informação presente no estímulo ser compatível com o conhecimento da pessoa (Kaiser, 2020). Contrariamente ao que acontece com o processo de acessibilidade, a aplicabilidade não tem de ocorrer de forma inconsciente, já que pode haver consciência de que o estímulo é compatível com o conhecimento (Kaiser, 2020).

Para alguns autores (Cacciatore et al., 2016; Scheufele, 1999, 2000; Scheufele & Tewksbury, 2007), o problema reside em olhar os efeitos do *framing* como resultado do processo cognitivo de acessibilidade, argumentando que o resultado é a equiparação dos efeitos de *framing* com outros efeitos mediáticos. McCombs, Llamas, Lopez-Escobar e Rey (1997, p.704, *minha tradução*) nivelam o conceito de *agenda-setting* de segundo nível e *framing* ao afirmarem que “(...) na linguagem da *agenda-setting* de segundo nível, enquadrar é a seleção de um pequeno número de atributos para inclusão na agenda mediática quando um determinado objeto é discutido.” Em oposição, Scheufele (1999) defende que isto leva a que alguns estudos acabem por se referir aos modelos de efeitos mediáticos sem diferenciação. O autor argumenta que a acessibilidade é a premissa teórica do *priming* e da *agenda-setting*, pois ambas as teorias denotam que a saliência das questões faz com certas considerações sejam facilmente recuperadas da memória (Scheufele, 2000, p. 309). Já o *framing* é baseado na capacidade de alterações ténues no conteúdo de uma mensagem poderem afetar a interpretação de um assunto através da invocação de esquemas interpretativos (Scheufele, 2000, p. 309). Nesta perspetiva, o *framing* corresponde a um processo mais consciente e deliberado de recolha e processamento de ideias (Nelson et al., 1997; Scheufele, 1999). Price et al. (1997) demonstram que

os indivíduos enumeram pensamentos próprios, mesmo que estimulados pelo *frame*. Portanto, para os autores, deve considerar-se o efeito de aplicabilidade como primordial quando se trata do *framing* de notícias, já que a atribuição de importância a certos pensamentos específicos resulta no seu uso em julgamentos políticos.

Além disso, a literatura sobre *framing* sublinha a presença de mais um processo cognitivo para que os efeitos do *framing* sejam notórios, nomeadamente a disponibilidade, que se prende com a capacidade de compreensão de conceitos como ‘terroristas’, ou seja, estes já encontram armazenados na memória e estão prontos para uso na formação de julgamentos (Entman et al., 2008). Posto isto, há que considerar a possibilidade da acessibilidade, aplicabilidade e disponibilidade funcionarem de forma complementar, não existindo um mediador cognitivo exclusivo de efeitos de *framing*, como argumentam Chong e Druckman (2007a, p.111, *minha tradução*) ao defenderem que o *framing* “pode funcionar em todos os três níveis, disponibilizando novas crenças sobre um problema, tornando certas crenças disponíveis acessíveis ou tornando as crenças aplicáveis ou ‘fortes’ nas avaliações das pessoas”. Não havendo certeza quanto aos processos cognitivos subjacentes aos efeitos de *framing*, há que considerar que estes podem resultar dos três processos referidos, bem como da inserção de novas crenças através do conteúdo do *frame* (Kaiser, 2020).

1.2.2 Efeitos de *frames* de valência oposta

Além dos *frames* de ênfase salientarem certos pontos de uma questão, estes também providenciam um princípio orientador da interpretação de uma notícia – a valência –, geralmente materializado em elementos positivos, negativos ou neutros (De Vreese & Boomgaarden, 2003; De Vreese et al., 2011). Esses elementos podem corresponder a nomes depreciativos, por exemplo, que já mostraram a sua eficácia enquanto dispositivos de *frames* de ênfase dos quais decorreram efeitos significativos no que toca ao apoio de uma certa medida política, como atesta a experiência de Bullock e Vedlitz (2017).

Vários estudos centrados no apoio à UE têm demonstrado efeitos de *frames* de valência nas avaliações relativas à UE. A título de exemplo, Schuck e De Vreese (2006) optaram por utilizar dois *frames* – um que apresenta os riscos do alargamento da UE, enquanto o outro salienta as potenciais oportunidades advindas do mesmo. Os resultados mostraram que a exposição ao enquadramento de risco levou a um grau de apoio ao alargamento inferior ao verificado no grupo de pessoas expostas ao *frame* de oportunidade, para além de que ambos os *frames* potenciaram o surgimento de pensamentos congruentes com a valência dos mesmos. De Vreese e Boomgaarden (2003) verificaram, através da condução de uma experiência que opunha um *frame* que apresentava vantagens relativas ao alargamento a outro *frame* antagónico, que a exposição a *frames* negativos sobre esses temas levou a níveis de apoio geral e específico mais reduzidos, bem como a considerações mais negativas, comparativamente à exposição ao enquadramento vantajoso.

Outros estudos focaram-se no apoio a políticas públicas. Por exemplo, Slothuus (2008) empregou dois *frames* opostos em relação a um projeto de lei, que ora enquadrava a redução de prestações sociais após os primeiros seis meses de desemprego como um incentivo económico, ora como uma forma de aumentar a taxa de pobreza. Os resultados foram que os participantes expostos ao primeiro *frame* preferiram a implementação do projeto de lei, enquanto os expostos ao *frame* contrário direcionaram-se na direção oposta. Também Nelson e Oxley (1999) levaram a cabo dois estudos que provaram os efeitos de *frames* de valência oposta. Na primeira experiência, enquadraram uma notícia sobre um projeto de desenvolvimento de terras de duas formas: um *frame* destacava benefícios, como a criação de postos de trabalho; o outro salientava os riscos para o ambiente. A segunda experiência dizia respeito uma medida social que retirava benefícios a mães solteiras, sendo que num *frame* a medida foi enfatizada enquanto ameaçadora dos direitos das crianças e no outro enquanto uma forma de responsabilidade pessoal. Ambos mostraram que os indivíduos tendiam a inclinar a sua opinião para a constante no *frame* a que foram expostos, embora na segunda experiência a relação estatística entre a exposição ao *frame* e as atitudes não tenha sido estatisticamente significativa.

Outros trabalhos refletem os efeitos do *framing* em atitudes individuais, como a tolerância. A este propósito, Nelson et al. (1997) realizaram um estudo experimental sobre o enquadramento de uma manifestação do Ku Klux Klan. O protesto foi enquadrado ora enquanto uma demonstração do direito à liberdade de expressão, ora como uma questão de ordem pública. Os autores replicaram a experiência, tendo verificado, através dos resultados de ambas, que a exposição ao *frame* da liberdade de expressão se traduziu em mais tolerância em relação ao evento, em comparação com os indivíduos expostos ao *frame* oposto.

Adicionalmente, Moniz (2016) conduziu uma experiência com o fim de perceber os efeitos do *framing* de valência – designadamente os advindos de programas de entretenimento – nas atitudes políticas individuais, como a eficácia política, confiança nas instituições e atitudes relativas aos partidos. Com efeito, o autor utilizou como estímulos dois episódios de séries que retratam o processo político de forma distinta, sendo que uma retrata os atores políticos de forma positiva (*The West Wing*), ao passo que a outra passa uma imagem negativa dos mesmos (*House of Cards*). As hipóteses foram parcialmente corroboradas na sua generalidade, pelo que os resultados apresentados mostram que foi possível estabelecer uma relação causal entre a exposição a séries televisivas de cariz político e as alterações atitudinais.

Lecheler et al. (2013) lembram que embora vários estudos empreguem *frames* dotados de uma valência específica em contexto de competição (por exemplo, Chong e Druckman, 2007a), alguns dos trabalhos focam-se na comparação entre dois *frames* unilaterais de ênfase, todavia com valência inversa (por exemplo, Nelson et al., 1997; Nelson & Oxley, 1999; Slothuus, 2008). Logo, os indivíduos são expostos a uma versão parcial do assunto e não a *frames* concorrentes. Ainda que, no mundo real, se espere que os cidadãos sejam expostos a vários tipos de *frames* sobre uma questão política, a aplicação de enquadramentos unilaterais tende a levar ao aumento dos efeitos do *framing*, já

que os efeitos resultantes da exposição a *frames* antagónicos tendem a cancelar-se (Chong e Druckman 2007b). Por um lado, em condições unilaterais, o conteúdo de um *frame* pode ser forte (disponível e aplicável) o suficiente para desencadear uma alteração no *frame* individual; por outro lado, mesmo *frames* fracos, desde que disponíveis, na ausência de competitividade com *frames* opostos, têm efeito em inquiridos com menos conhecimento sobre uma questão (Chong e Druckman, 2007b).

Posto isto, este tipo de *frames* são mais característicos de questões jornalísticas relacionadas com a política externa e de guerras do que *frames* imparciais, sendo que os efeitos do *framing* são mais fortes quando a posição dos meios de comunicação é bem definida, em prejuízo de uma abordagem mais distanciada e imparcial (Aday, 2006, pg. 769). Por essa razão, o uso de *frames* unilaterais em contextos de guerras é de grande interesse.

1.3 Framing de conflitos armados

Como vimos anteriormente, as escolhas dos média na apresentação das informações, nomeadamente a saliência de algumas perspetivas em detrimento de outras, pode afetar a interpretação de cada indivíduo sobre um tema, repercutindo-se posteriormente nas suas atitudes (Chong & Druckman, 2007a). Isto pode ser particularmente verdadeiro quando se trata de questões políticas, já que os média representam a linha de contacto entre os cidadãos e a política, sendo expectável que os primeiros sigam os *frames* noticiosos (Entman et al., 2008). Este argumento pode ser ainda mais proeminente quando se trata de política externa, já que é através dos meios de comunicação que os cidadãos ficam a par do que se passa no mundo, ao contrário das questões internas, com as quais lidam e vivem diariamente de perto (Soroka, 2003).

É, por isso, de extrema importância refletir sobre as dinâmicas de poder naquele que é o xadrez das relações internacionais e os limites do discurso sobre dado assunto, já que as comunicações mediáticas podem apresentar *frames* que não destoam uns dos outros, como sugere Entman (1993). O autor lembra que no período anterior à guerra no Iraque, a opção de negociações entre este país e o Kuwait não estava em cima da mesa, sendo que os *frames* mediáticos apenas incluíam duas opções: ou guerra imediata, ou sanções com guerra posterior. Desta forma, há que considerar que os *frames* usados pelos média são, muitas vezes, supressores de críticas (Entman, 1993), bem como é importante notar que os média podem divulgar conteúdo enviesado ao cobrir conflitos, estruturando as notícias de maneira a favorecer consistentemente um dos lados das guerras (Entman, 2007, p. 166).

Como foi referido anteriormente, *frames* unilaterais, *i.e.*, com uma perspetiva claramente parcial, são característicos da cobertura jornalística de guerras (Aday, 2006; Bayulgen & Arbatli, 2013; Viser, 2003). Este tipo de narrativa parcial e unilateral tem efeito nos leitores, já que as pessoas expostas a este tipo de comunicações tendem a criar julgamentos baseados na informação disponível nas mesmas, bem como tendem a recorrer a argumentos constantes nas notícias, em detrimento de argumentos

próprios, comparativamente a indivíduos expostos a *frames* imparciais ou alocados a grupos de controlos (Aday, 2006).

Uma das formas de enquadrar as notícias de forma enviesada é optar por focar-se “na destruição da guerra em oposição à libertação da tirania, enquadrar o evento como uma invasão *versus* ataque, enfatizar as vítimas *versus* invasores e destacar um confronto positivo *versus* atitude negativa em relação à guerra” (Dimitrova et al., 2005, p. 26, *minha tradução*). Também é possível desvalorizar ações próprias e demonizar ações do inimigo, tal como verificou Entman (1991). O autor aferiu que, no contexto da Guerra Fria, o mesmo tipo de ação – a destruição de aeronaves –, realizada por atores diferentes, nomeadamente os EUA e a URSS, foi reportado de forma completamente distinta nos média, sendo que a ação dos primeiros foi enquadrada como uma tecnalidade, enquanto a dos segundos como homicídio. Robin Brown (2003) chama a atenção para este facto, afirmando que a linguagem pode definir se as ações militares são vistas enquanto terroristas ou criminosas. Por conseguinte, as informações evidenciadas e a escolha das palavras usadas para designar as ações, atores e natureza dos conflitos é de extrema importância, sendo possível destacar diversos estudos que verificaram o impacto de *frames* mediáticos na compreensão de guerras.

Considerando a ideia dos *frames* poderem representar a personificação de palavras ou expressões como “guerra fria”, “comunista”, “terrorismo”, “Islão radical” ou “nuclear”, Woods (2011) chegou à conclusão de que as percepções individuais sobre a ameaça terrorista dependem, na sua maioria, do *frame* mediático a que os participantes foram expostos. Para além do entendimento quanto à ação militar em si, pode destacar-se outras questões como o tipo de armamento utilizado, danos causados, descrição do exército e combatentes e eficácia das operações militares, de forma a causar um sentimento de distância ou de aproximação dos leitores em relação ao conflito em si, pelo que o exército pode ser visto como um “meio de representações vívidas de armas mecanizadas desumanas” ou “como o protetor e unificador do país, amado pelos cidadãos” (Evans, 2010, p. 223, *minha tradução*).

Igualmente focados num conflito armado, Iyengar e Simon (1993) levaram a cabo um estudo onde se propuseram a analisar os efeitos da *agenda-setting*, *priming* e *framing*, no que toca à intervenção americana após a invasão do Kuwait pelo Iraque. Considerando que a tipologia de *frames* apresentada tende a levar a atribuições de responsabilidade a indivíduos ou grupos, os autores esperavam que a opinião geral dos inquiridos fosse maioritariamente favorável à opção militar, em prejuízo da diplomática, já que foi esse o enquadramento mediático. Os resultados mostraram, de facto, que indivíduos mais informados e aqueles com maiores níveis de exposição mediática se mostraram mais favoráveis à solução militar. Beattie e Milojevich (2017) conduziram uma experiência com o objetivo de comparar os efeitos de *frames* unilaterais e *frames* concorrentes isoladamente. O estudo corroborou a hipótese de que a exposição a *frames* unilaterais tende a resultar em opiniões idênticas às do *frame*, enquanto *frames* múltiplos e concorrentes mantêm as opiniões próximas dos valores individuais. Curiosamente, os autores aferiram que a exposição a um *frame* unilateral que continha informação

menos conhecida⁴ afastou os participantes da opinião constante no mesmo. Quanto a isto, os autores argumentaram que as visões sobre um tema que, em regra, não são apresentadas pelos média podem estar em desvantagem quando comparadas com perspectivas mais difundidas, fazendo com que os leitores tendam a rejeitá-las devido à falta de familiaridade.

Ainda no âmbito dos estudos de efeitos do *framing* centrados em conflitos armados, merece destaque o estudo experimental de Berinsky & Kinder (2006) relativo à crise do Kosovo. Por considerarem que muitos estudos de efeitos do *framing* apenas mostram que os *frames* afetam a opinião, sem demonstrar como é que as pessoas os compreendem, os autores decidiram analisar como é que os inquiridos compreendem a crise e, só depois, analisaram a opinião em si. Os participantes foram atribuídos a um dos grupos, nomeadamente o grupo de controlo, o grupo referente ao *frame* pró-intervenção dos EUA e o grupo referente ao *frame* contra a intervenção americana. A informação presente nos estímulos era similar, embora as notícias dos *frames* opostos tenham tido o seu conteúdo reorganizado e diferenciado na posição de conjunções. Operando desta forma, os autores separaram os efeitos do *framing* de ênfase do poder persuasivo do conteúdo da mensagem, já que utilizaram a mesma informação reorganizada de forma diferente. A ideia de que a compreensão da crise, bem como as sugestões para soluções futuras tenderam a seguir o enredo apresentado nos *frames* foi confirmada, tanto na questão do Kosovo, como em outras situações mundiais. Ademais, uma conclusão bastante importante deste estudo é de que a mera alteração subtil da apresentação da informação foi o que causou os efeitos, já que o conteúdo da mensagem não destoava entre grupos.

Os *frames* não impactam apenas as perceções dos inquiridos, mas também as avaliações quanto a políticas e atores envolvidos nos conflitos armados. Rill e Davis (2008) realizaram uma análise comparativa da relação entre *frames* de audiência e *frames* mediáticos no que toca ao conflito entre o Hezbollah e Israel no Líbano, tendo encontrando diferenças não só nas palavras usadas para a descrição dos mesmos e do conflito em si, como também em termos das avaliações destes atores. Adicionalmente, Brewer et al. (2003) mostraram que os média influenciam, de facto, as avaliações de países estrangeiros, já que os *frames* que continham uma ligação entre um tema e uma avaliação com cariz específico relativa a um país traduziram-se em avaliações semelhantes por parte dos participantes.

Por fim, destaca-se que para além da escolha de informações e da ênfase em determinados aspetos dos conflitos em prejuízo de outros, as imagens também têm mostrado o seu efeito de *framing* corroborado em diversas investigações que se debruçaram sobre conflitos (Brantner et al., 2011; Soroka et al., 2016).

Em suma, apesar das diferenças entre si, existe algo em comum em todos estes estudos, designadamente a conclusão de que a exposição a *frames* mediáticos com informação específica e

⁴ Relacionada com o incidente em Maidan em 2014 e anexação da Crimeia, como o potencial apoio americano ao golpe de estado, a aliança do regime pró-ocidente com elementos de extrema-direita, os interesses dos EUA na região e o perigo de guerra nuclear.

ênfatisada em prejuízo de outras afeta, de facto, a forma como as pessoas entendem a natureza dos conflitos e as suas causas, assim como atribuem responsabilidades e pensam sobre soluções.

1.3.1 A importância da intensidade da cobertura mediática e da familiaridade com o conflito armado

Considerando que a presente investigação se centra na comparação dos efeitos do *framing* de dois conflitos desiguais na sua visibilidade mediática, importa compreender os diferentes graus de visibilidade de uns conflitos em detrimento de outros. Apesar de os conflitos serem tema recorrente nas agendas mediáticas (Wu, 2000), é dado maior destaque a conflitos entre estados em detrimento de conflitos internos, como aponta uma análise de Sobel et al. (2020) que incidu sobre o *New York Times*. Assim, a cobertura mediática é frequentemente dirigida a um número reduzido de conflitos, acabando por haver uma desconsideração de outros conflitos até mesmo mais mortais (Hawkins, 2011). Na verdade, a diferença de visibilidade não se aplica só a conflitos, mas a temas internacionais no geral, pois a cobertura mediática internacional é desigual, sendo que a atenção parece estar centrada nas grandes potências mundiais, como os EUA, França, Reino Unido, Rússia, China, Alemanha, Itália e Japão (Wu, 2000).

A visibilidade mediática parece ser função de fatores como trocas comerciais, bem como pelo acesso às informações e à presença de agências noticiosas (Wu, 2000), sendo que a pertença a cadeias de empresas mediáticas parece levar à uniformidade de informações, havendo um número reduzido de perspetivas quando se trata da cobertura de conflitos militares (Baum & Zhukov, 2018). Além desses fatores, a cobertura mediática também pode ser condicionada pela tendência para os média nacionais preferirem países da mesma região quando se trata da produção noticiosa (Wu, 2000), mas também pelo PIB per capita e envolvimento militar, sendo este último fator de extrema relevância (Jones et al., 2013). De facto, os países mais destacados nos média dos EUA tendem a ser aqueles nos quais o país interveio, como o Iraque, Afeganistão, Palestina e Paquistão (Hawkins, 2011; Sobel et al., 2020). Segundo Hawkins (2011), alguns conflitos registam níveis de visibilidade praticamente nulos, enquanto outros só merecem destaque quando associados ao envolvimento dos EUA, sendo reiterada a ligação aos EUA enquanto fator preditor de visibilidade mediática. O autor ênfatiza ainda que é incomum os meios de comunicação cobrirem largamente conflitos nos quais os EUA não possuem interesses significativos, seja qual for o envolvimento do país, ou seja, como interveniente direto, apoiante ou de outra forma.

No que tange especificamente ao conflito ucraniano, Fengler et al. (2020) verificaram que os países que mais destacaram o conflito foram aqueles que nele estão envolvidos de forma direta, nomeadamente a Rússia e a Ucrânia. Portugal atribuiu destaque mediano ao conflito. Ademais, os diversos níveis de visibilidade dependeram de diferenças nacionais, a ocorrência de questões internas

relevantes, o público-alvo, a pertença a cadeias de empresas de informação, bem como com a escassez de recursos destinados à cobertura internacional dos países do Sudeste Europeu, no geral.

Em suma, é possível afirmar que o envolvimento dos próprios países em conflitos configura um preditor sólido de maior visibilidade mediática (Fengler et al., 2020; Hawkins, 2011; Jones et al., 2013; Sobel et al., 2020). Há ainda que ter em conta que os estados com mais poder tendem a estabelecer a regras do ambiente internacional, pelo que os temas mais visíveis nas notícias, como a política internacional, o comércio e os conflitos militares traduzem a necessidade de vigilância de uns países em relação a outros, de modo a proteger os seus interesses (Wu, 2000). Ademais, o foco em alguns conflitos em detrimento de outros (Hawkins, 2011; Sobel et al., 2020), aliado à diminuição do número de notícias estrangeiras ao longo do tempo, pode contribuir fortemente para o desconhecimento da política externa (Jones et al., 2013) e, conseqüentemente, para a falta de resposta a crises graves (Hawkins, 2011).

Conseqüentemente, alguns conflitos tornam-se mais familiares do que outros, dependendo dos níveis de cobertura mediática inerentes. Tendo em mente a importância de crenças pré-existentes (ver, por exemplo, Druckman, 2011; Price, Tewksbury & Powers, 1997), há que considerar que um maior grau de familiaridade com os temas possa agir como diferenciador nas percepções individuais relativas a conflitos, pelo que os efeitos do *framing* não se refletirão de forma igual em todos os indivíduos (Entman, 1993), sendo mais difícil alterar crenças de indivíduos convictos de um assunto (Chong & Druckman, 2011). Assim, a familiaridade tem que ver com a existência e solidez de crenças prévias sobre um assunto, pelo que os temas familiares são extremamente salientes por um período considerável de tempo nas agendas mediática, pública e política, criando espaço para que os indivíduos adquiram conhecimento e opiniões específicas sobre eles (Shehata et al., 2024). Não se pode ignorar a importância atribuída a esses temas, já que perante situações com uma importância significativa para as pessoas, há a tendência para que estas detenham mais informações e atitudes desenvolvidas sobre os assuntos cobertos (Han & Shoemaker, 2009). Por outro lado, quando não são temas importantes, ou quando as informações sobre o evento são reduzidas, as percepções individuais tendem a depender dos *frames* noticiosos de forma superior (Han & Shoemaker, 2009). Ademais, a importância da familiaridade também se verifica nas avaliações de candidatos políticos, já que perante situações de menor familiaridade com um candidato político, as pessoas tendem a seguir as pistas fornecidas pelos conteúdos mediáticos (Nina e Santana Pereira, 2021).

Capítulo II - Objetivos, Hipóteses e Método

2.1 Objetivos e Hipóteses

O principal objetivo desta dissertação é averiguar a existência de impacto de *frames* mediáticos de dois fenómenos políticos internacionais, nomeadamente os conflitos da Ucrânia e do Iémen, nos *frames* individuais e avaliações dos atores envolvidos nesses conflitos. A revisão de literatura permitiu verificar a inexistência de estudos laboratoriais que comparem dois conflitos desproporcionais na sua cobertura mediática, pelo que este trabalho tem como objetivo contribuir para preencher essa lacuna. A pertinência do estudo destes dois conflitos advém do seu contexto histórico e das potenciais consequências gravosas para o sistema internacional, sendo que a situação no Iémen foi declarada a “maior crise humanitária do mundo” pela ONU (Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental, ONU) e o conflito russo-ucraniano representa uma potencial mudança na ordem internacional e dinâmicas de poder vigentes (Lehne, 2023).

Para cumprir o proposto por esta investigação, testaram-se várias hipóteses. Tendo em mente que os *frames* individuais representam o entendimento de uma determinada questão resultante da exposição a um *frame* mediático (Druckman, 2001a; Entman, 1991), os *frames* de ênfase, em particular, têm uma poderosa capacidade de os afetar, ao destacar considerações distintas sobre o mesmo tópico (Druckman, 2001a; Entman et al., 2008;). A valência associada a uma *frame*, por sua vez, também tem capacidade de produzir efeitos de *framing* nas interpretações, nos níveis de apoio a medidas e nas atitudes políticas (Bullock & Vedlitz, 2017; De Vreese & Boomgaarden, 2003; Moniz, 2016; Nelson et al., 1997; Nelson & Oxley, 1999; Schuck & De Vreese, 2006; Slothuus, 2008). Os *frames* unilaterais, muito característicos da cobertura mediática de guerras (Aday, 2006; Bayulgen & Arbatli, 2013; Viser, 2003), são, muitas vezes, materializados numa escolha lexical e simbólica (Entman et al., 2008; Pan & Kosicki, 1993) que viabiliza uma determinada interpretação acerca de um evento, sendo que, os média podem retratar uma ação militar num tom positivo ou negativo (Entman, 1991; Dimitrova et al., 2005). Por isso, a linguagem usada na descrição de conflitos é de extrema importância (Brown, 2003) e pode ditar a imagem que as pessoas têm sobre os mesmos. De facto, vários trabalhos mostram que os *frames* mediáticos tendem a ser adotados pelas pessoas quando se trata de conflitos (Beattie & Milojevich, 2017; Berinsky & Kinder, 2006; Evans, 2011; Iyengar & Simon, 1993; Woods, 2011). Por fim, parte-se da premissa de que as opiniões decorrem da exposição ao *frame* em si, já que, como corroborado por Aday (2006), a exposição a um conteúdo noticioso parcial propicia julgamentos baseados no mesmo, em detrimento de pensamento próprios, quando comparado a grupos de controlo. Com base nesta literatura, esboçaram-se as seguintes hipóteses quanto ao conflito na Ucrânia.

Hipótese 1 (H1): A exposição ao frame “Operação Militar Especial” tem impacto nos frames individuais relativos às ações e natureza dos atores envolvidos.

- H1a: A ação militar russa é entendida enquanto “Operação militar especial em defesa do povo e movimento independentista de Donbass” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H1b: A natureza do Batalhão Azov é entendida enquanto “Grupo ultranacionalista neonazi” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros;
- H1c: A natureza do MPRD é entendida enquanto “Movimento popular independentista pró-russo” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H1d: A ação do governo ucraniano quanto ao MPRD é entendida enquanto “Perpetuação de crimes violentos com base na etnia russa” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H1e: O papel dos EUA é entendido enquanto “Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.

Hipótese 2 (H2): A exposição ao frame “Invasão Imperialista” tem impacto nos frames individuais relativos às ações e natureza dos atores envolvidos.

- H2a: A ação militar russa é entendida enquanto “Invasão imperialista (pela Rússia) da Ucrânia” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H2b: A natureza do Batalhão Azov é entendida enquanto “Facção importante da Guarda Nacional da Ucrânia, defensora da integridade territorial” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H2c: A natureza do MPRD é entendida enquanto “Separatistas/terroristas rebeldes” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H2d: A ação do governo ucraniano quanto ao MPRD é entendida enquanto “Defesa da integridade territorial do seu país” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H2e: O papel dos EUA é entendido enquanto “Aliado importante da Ucrânia na sua luta contra a invasão russa” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.

Com base na mesma literatura, delinearam-se hipóteses similares relativas ao conflito no Iémen.

Hipótese 3 (H3): A exposição ao frame “Agressão Militar” tem impacto nos frames individuais relativos às ações e natureza dos atores envolvidos.

- H3a: As ações da Arábia Saudita e CCG são entendidas enquanto “Agressão militar contra o povo Iemenita e movimento de resistência Houthi” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.

- H3b: A natureza dos Houthis é entendida enquanto “Movimento de resistência” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H3c: As ações do Irão são entendidas enquanto “Apoio ao povo Iemenita e ao movimento de resistência Houthi” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H3d: As ações Governo Iemenita em relação aos Houthis são entendidas enquanto “Perpetuação de crimes violentos contra o movimento de resistência e seus apoiantes” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H3e: O papel dos EUA é entendido enquanto “Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.

Hipótese 4 (H4): A exposição ao frame “Agressões Ilegítimas” tem impacto nos frames individuais relativos às ações e natureza dos atores envolvidos.

- H4a: As ações da Arábia Saudita e CCG são entendidas enquanto “Apoio ao Governo oficial Iemenita contra as forças terroristas Houthi” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H4b: A natureza dos Houthis é entendida enquanto “Grupo terrorista rebelde” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H4c: As ações do Irão são entendidas enquanto “Agressões contra o governo oficial do Iémen e instigação de uma escalada do conflito” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H4d: As ações Governo Iemenita em relação aos Houthis são entendidas enquanto “Defesa da integridade territorial do seu país e do seu governo legítimo” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.
- H4e: O papel dos EUA é entendido enquanto “Aliado importante do Governo Iemenita na sua luta contra as forças rebeldes Houthi” mais frequentemente neste grupo que nos dois outros.

Considerando que os média tendem a suprimir argumentos (Entman, 1993), acabando por favorecer um lado da discórdia em prejuízo de outro (Entman, 2007), através de um léxico específico e simbólico (Entman et al., 2008; Pan & Kosicki, 1993), criando espaço para julgamentos sobre atores (Entman et al., 2008) e até sentimentos de distância ou aproximação com um dos contendores de um conflito (Evans, 2010), há que ter em conta a possibilidade dos *frames* afetarem as avaliações das partes envolvidas no conflito. A esse propósito, a análise de Rill & Davis (2008) corrobora esta possibilidade, já que mostrou que as avaliações de Israel e do Hezbollah dependeram da exposição a *frames* opostos. Brewer et al. (2003) mostraram que as avaliações de países estrangeiros coincidiram com os *frames* que continham uma relação entre um tema e uma avaliação com cariz específico. Adicionalmente, Nina e Santana Pereira (2021) argumentam que a familiaridade com um ator tem

impacto nas avaliações do mesmo, já que um menor grau de familiaridade leva a que os indivíduos tendam a seguir as informações mediáticas de forma superior. Assim, hipotetiza-se que:

Hipótese 5 (H5): A exposição ao frame “Operação Militar Especial” tem impacto nas avaliações individuais das partes envolvidas.

- H5a: A Rússia é avaliada de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H5b: A Ucrânia é avaliada de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H5c: O Batalhão Azov é avaliado de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H5d: O MPRD é avaliado de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H5e: Os EUA são avaliados de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.

Hipótese 6 (H6): A exposição ao frame “Invasão Imperialista” tem impacto nas avaliações individuais das partes envolvidas.

- H6a: A Rússia é avaliada de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H6b: A Ucrânia é avaliada de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H6c: O Batalhão Azov é avaliado de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H6d: O MPRD é avaliado de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H6e: Os EUA são avaliados de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.

Hipótese 7 (H7): A exposição ao frame “Agressão Militar” tem impacto nas avaliações individuais das partes envolvidas.

- H7a: A Arábia Saudita e CCG são avaliadas de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H7b: Os Houthis são avaliados de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H7c: O Irão é avaliado de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.

- H7d: O Governo Iemenita é avaliado de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H7e: Os EUA são avaliados de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.

Hipótese 8 (H8): A exposição ao frame “Agressões Ilegítimas” tem impacto nas avaliações individuais das partes envolvidas.

- H8a: A Arábia Saudita e CCG são avaliadas de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H8b: Os Houthis são avaliados de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H8c: O Irão é avaliado de forma menos favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H8d: O Governo Iemenita é avaliado de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.
- H8e: Os EUA são avaliados de forma mais favorável pelos expostos a este *frame* que pelos expostos ao *frame* oposto ou a nenhuma informação sobre este conflito.

Por fim, tendo em conta a assimetria na cobertura mediática de conflitos armados (Hawkins, 2011; Sobel et al., 2020), é de esperar que as diferenças em termos de saliência dos conflitos nos média portugueses seja um elemento importante em termos de moderação de efeitos de *framing*. Estudos têm demonstrado que temas familiares e salientes nos média levam a que os indivíduos adquiram conhecimento e formem opiniões mais sólidas sobre eles (Shehata et al., 2024), ao passo que os indivíduos menos familiarizados com um tema tendem a seguir o enredo dos *frames* mediáticos (Han & Shoemaker, 2009). Desta forma, a familiaridade com um conflito em prejuízo de outro pode ter repercussões nos efeitos de *framing*. Com base nesta argumentação e considerando a diferença de mediatização dos dois conflitos em estudo, de que se dará conta mais adiante, espera-se que:

Hipótese 9 (H9): Os frames relativos ao conflito do Iémen apresentarão efeitos mais consideráveis nas perceções individuais do que os frames relacionados com o conflito russo-ucraniano.

2.2 Método

A concretização dos objetivos desta dissertação realizou-se através da aplicação do método experimental. Ainda que este método tenha sido bastante associado às ciências naturais, o mesmo tem ganho palco na área das ciências sociais, nomeadamente na Ciência Política e Relações Internacionais (Hyde, 2010). Todavia, a aceitação do método enquanto aplicável à Ciência Política foi morosa

(McDermott, 2002): de facto, o verdadeiro crescimento do método experimental em Ciência Política deu-se nos anos 90 (Morton & Williams, 2009). Atualmente, o seu uso é mais corriqueiro e influente (Druckman et al., 2011). Ao nível nacional, o método experimental tem sido adotado no âmbito da Ciência Política, havendo várias investigações que o aplicaram (Brás, 2022; Moniz, 2016; Nina, 2016; Nina & Santana Pereira, 2021; para mais exemplos, ver Santana Pereira et al., 2024).

No âmbito do método experimental, podem identificar-se três tipos, nomeadamente as experiências de laboratório, *surveys* e as de campo (Druckman et al., 2011; Santana Pereira et al., 2024). Nesta dissertação, optou-se por uma experiência em laboratório. É possível elencar várias desvantagens quando se trata da aplicação deste método ao estudo dos fenómenos políticos, principalmente a questão de as experiências laboratoriais decorrerem num ambiente artificial, o que pode pôr em causa a generalização dos resultados (Iyengar, 2011; McDermott, 2002; Morton & Williams, 2009). Por outro lado, a grande vantagem das experiências laboratoriais parte da sua validade interna e capacidade de estabelecer relações causais, já que o investigador tem sob o seu controlo todos os aspetos ambientais e os participantes são distribuídos pelos grupos de forma aleatória, pelo que só a variável independente varia (Druckman et al., 2011; McDermott, 2002; Morton & Williams, 2009; Santana Pereira et al., 2024), contrariamente ao que acontece nas investigações de cariz estatístico, em que apenas é possível controlar as variáveis alvo de medição (Santana Pereira et al., 2024). Além disso, permitem medições precisas e tendem a ser mais económicas que outros tipos de experiências (McDermott, 2002).

2.2.1 Desenho Experimental

Dentro dos estudos de efeitos de *framing*, podem destacar-se aqueles que se debruçam sobre os *frames* mediáticos enquanto variável independente, tendo como variável dependente *frames* individuais, atitudes ou opiniões individuais, sendo que muitas destas investigações se materializam em experiências que manipulam os primeiros, de forma a analisar o seu impacto nos segundos (Scheufele, 2000). Esta investigação insere-se neste tipo de estudos. Neste caso, as interpretações e avaliações dos inquiridos relativas à natureza dos conflitos, das ações e dos atores envolvidos nos mesmos, são medidas enquanto variável dependente, enquanto os diversos *frames mediáticos* são entendidos como variável independente.

Ao focar-se na averiguação da existência dos efeitos do *framing* nas perceções individuais no que diz respeito ao conflito russo-ucraniano e ao conflito iemenita, optou-se pela seleção de dois conflitos que fossem comparáveis em alguns pontos, mas divergentes na sua cobertura mediática, de forma a tornar a análise mais robusta. Uma pesquisa no arquivo de notícias da Google permite verificar que no período de 1 de Fevereiro de 2022 a 1 de Fevereiro de 2023, surgem 2 120 resultados de notícias para a pesquisa “Conflito Iémen”, ao passo que a pesquisa “Conflito Ucrânia” regista 102 000 resultados. Estes números permitem ter uma ideia da diferença de visibilidade mediática das duas crises. Também

importa referir que a análise de Fengler et al. (2020) mostrou que Portugal atribuiu visibilidade média ao conflito russo-ucraniano iniciado em 2014. Todavia, ambos os conflitos começaram internamente e têm o envolvimento de forças externas (Rússia, EUA, Arábia Saudita e CCG, Irão), nomeadamente através de fornecimento de armamento aos intervenientes diretos, bem como através da integração destes conflitos nas prioridades estratégicas destas potências. Ambas as guerras têm tido repercussões regionais e internacionais significativas, devido à sua localização geográfica e aos recursos naturais envolvidos, e ambos têm uma duração longa. Apresenta-se uma descrição detalhada das características de cada conflito no Anexo 1.

As variáveis independentes dizem respeito à saliência do conflito, sendo que um é mais mediatizado – conflito russo-ucraniano – e o outro menos mediatizado – conflito iemenita –, bem como ao tipo de *frames* manipulados, sendo que se usaram dois *frames* unilaterais de sentido oposto e um *frame* ausente (oferecido ao grupo de controlo). Foi destarte empregue um modelo experimental 2x3, resultante do cruzamento das variáveis experimentais descritas, resultando em seis grupos. O presente estudo é inter-sujeitos, no sentido em que os vários grupos são expostos a condições experimentais distintas, pois uns grupos foram expostos ao conflito mais mediatizado, enquanto outros foram expostos ao menos mediatizado, para além de que os grupos alocados ao mesmo conflito foram expostos a *frames* com três valências distintas (positivo, negativo, omissivo).

De forma a evitar potenciais enviesamentos, tal como sugerido por McDermott (2002), encetaram-se esforços em termos de padronização dos procedimentos nas diferentes condições, garantindo resultados comparáveis e não resultantes de estímulos estranhos, bem como a aleatoriedade na distribuição dos participantes por grupo. Ainda que nos estudos de efeitos de *framing* de ênfase unilaterais seja possível usar-se grupos de controlo de forma a controlar potenciais fatores externos e para que se possa argumentar que o efeito é genuinamente causal (Morton & Williams, 2009, p.31 e 32), o grupo de controlo foi inserido nesta experiência com o fim de se verificar como se comportariam os indivíduos que não foram expostos aos estímulos em comparação àqueles que leram notícias fortemente enviesadas acerca do mesmo tópico alvo de questionário. Sendo que a disponibilidade e poder de persuasão de um *frame* de ênfase são fatores determinantes para garantir a força do mesmo, geralmente são realizados pré-testes que inquiram relativamente ao enviesamento do *frame* (Druckman, 2011, p.11), algo que foi tido em conta nesta experiência.

2.2.2 Estímulos

Uma diversidade de estudos de efeitos de *framing* utilizam estímulos manipulados, ou seja, simulam comunicações mediáticas reais (ver, por exemplo, Price et al., 1997; Nelson et al., 1997), o que acaba por aumentar a validade interna dos estudos, pois existe maior controlo sobre os mesmos, ainda que a validade externa possa ser prejudicada (De Vreese, 2004). A presente investigação seguiu esta literatura em relação à manipulação de estímulos, sendo que estes foram construídos com base em

notícias reais, pelo que o produto final é resultado da informação de várias notícias de 26 agências noticiosas e jornais on-line distintos⁵. Optou-se por simular o aspeto e o estilo de notícias de jornal online, já que a imprensa escrita tem um impacto duradouro, permitindo mostrar uma visão aprofundada e contínua, pois envolve mais esforço para processar a mensagem (Eagly & Chaiken, 1993). Os estímulos enfatizaram a natureza dos conflitos e das ações dos intervenientes de forma distinta. O enredo apresentado em cada *frame* pode ser verificado na tabela abaixo. Os textos utilizados para a construção dos *frames* “Operação Militar Especial”, “Invasão Imperialista”, “Agressão Militar” e “Agressões Militares” estão disponíveis nos Anexos 2, 3, 4, 5, respetivamente.

Tabela 1. Frames, correspondente valência e enredo apresentado

<i>Frame</i>	Valência	Enredo apresentado
“Operação militar especial”	Pró-Rússia e MPRD; Anti-Ucrânia, Batalhão Azov e EUA	Rússia: Reconhecimento das zonas independentistas e proteção dos russófonos; Desmilitarização e desnazificação; Busca de estatuto neutro da Ucrânia MPRD: Movimento popular independentista; Ativistas; Alvo de genocídio, deslocações forçadas, violações e tortura Ucrânia: Veto do projeto de resolução da ONU com fim de combater o neonazismo e práticas que fomentam o racismo; Permissão proliferação destes grupos; Atos de genocídio Batalhão Azov: Racistas; Nazis e supremacistas brancos; Violações do Direito Internacional e dos Acordos de Minsk EUA: Veto do projeto de resolução da ONU com fim de combater o neonazismo e práticas que fomentam o racismo; Retirou a proibição de financiar grupos neonazis
“Invasão imperialista”	Pró-Ucrânia, Batalhão Azov e EUA Anti-Rússia e MPRD;	Rússia: Invasão de cariz imperialista; Agressão; Desinformação; Acusações infundadas MPRD: Movimento separatista rebelde; Criar divisão; Terroristas Ucrânia: Defesa da integridade territorial; Vítima de desinformação russa; grupo multiétnico de soldados; Batalhão Azov: Heróis de Mariupol; Defesa da Ucrânia; Vítimas de desinformação russa EUA: Assistência na defesa e segurança ucranianas; Defesa da democracia e de uma ordem internacional baseada em regras; Vítima de desinformação russa
“Agressão militar”	Pró-Houthis e Irão Anti-Arábia Saudita e CCG, Governo Iemenita e EUA	Irão: Esforços para a paz; Apoio nas negociações, Ajuda humanitária e dá voz ao Iémen Houthis: Movimento de resistência; Luta pela libertação do povo; Esforços para a paz Arábia Saudita e CCG: Agressão contra o Iémen; Prolongamento do conflito Governo Iemenita: Rejeição das tréguas; Incompetência EUA: Fornecimento de armamento, informações, aviões; prolongação conflito
“Agressões ilegítimas”	Pró-Arábia Saudita e CCG, Governo Iemenita e EUA Anti-Houthis e Irão	Irão: Apoio militar e logístico; Apoio em crimes de guerra contra civis Houthis: Exigências impeditivas de tréguas; Ações terroristas e rebeldes, como ataques destrutivos e crimes de guerra Arábia Saudita e CCG: Esforços para a paz; Maior doador de bens essenciais e serviços essenciais ao Iémen Governo Iemenita: Esforços para a paz EUA: Esforços diplomáticos; Apoio monetário

⁵ As informações constantes nos estímulos foram retiradas dos seguintes jornais online: Islamic Republic News Agency Arab News; Agência notícias Anadolu; Aljazeera; Reuters; Alarabiya News; ReliefWeb; The New Arab; Voa News; i24 News; New York Times; Asharq Al Awsat; ITV News; DW; TVP World; CNN; ABC News; The Guardian; The National Review; BBC News; Kyiv Post; Exame; Global Times; AbrilAbril; Newsweek; Tehran Times. Ademais, algumas informações referentes a valores de assistência monetária e de legislação foram retirados do site do Congresso e do Departamento da Defesa dos EUA. As referências bibliográficas incluem as notícias que serviram de base para a criação dos estímulos.

Como dito acima, os estímulos foram validados através de um pré-teste, que se desenrolou em dois momentos. No primeiro pré-teste, realizado a 23 de Novembro de 2022, os estímulos foram lidos por 24 participantes. Imediatamente a seguir à leitura, os participantes foram expostos a um questionário que permitia a medição do nível de enviesamento de cada notícia em relação aos diversos atores através de uma escala de Likert de 1 a 10, em que 1 significa muito negativo e 10 muito positivo.

Os resultados do primeiro pré-teste podem ser verificados nas tabelas 2 e 3. No que tange ao conflito russo-ucraniano, verificou-se que as médias relativas ao enviesamento dos *frames* unilaterais opostos não diferiram em relação ao MPRD ($t(22)=1,310$; $p=0,204$), ao passo que divergiram quanto aos demais atores, nomeadamente a Rússia ($t(22)=-2,106$; $p=0,047$), Ucrânia ($t(16,760)=3,549$; $p=0,003$), Batalhão Azov ($t(22)=4,893$; $p=<0,001$) e EUA ($t(17,184)=6,063$; $p=<0,001$).

Tabela 2. Médias do primeiro pré-teste: Conflito russo-ucraniano

<i>Frame</i>	Rússia	Ucrânia	Batalhão Azov	População Leste Ucrânia	EUA
“Operação Militar Especial”	5.5	4.6	2.9	5.7	4.2
“Invasão Imperialista”	3.3	8.2	7.9	7	8.3

Quanto ao conflito iemenita, foi possível aferir que as posições quanto ao enviesamento do Irão não diferiu entre grupos expostos aos *frames* antagónicos ($t(22)=-1,124$; $p=0,273$), ainda que tenha diferido em relação ao Governo Iemenita ($t(22)=2,426$; $p=0,024$), aos Houthis ($t(22)=-6,338$; $p=<0,001$), à Arábia Saudita e CCG ($t(22)=8,288$; $p=<0,001$) e aos EUA ($t(22)=5,545$; $p=<0,001$).

Tabela 3. Médias do primeiro pré-teste: Conflito Iemenita

<i>Frame</i>	Governo Iémen	Houthis	Arábia Saudita e CCG	Irão	EUA
“Agressão Militar”	5.4	8	3.2	6.3	4.3
“Agressões Ilegítimas”	7.7	2.9	8.5	5.2	8.4

Perante este cenário, percebeu-se que seria necessário clarificar o que se pretendia dizer com “população do leste da Ucrânia”, pois o enviesamento deste ator obteve uma média superior no grupo

exposto ao *frame* que o enquadrava de forma negativa do que no exposto ao *frame* positivo. Assim, procedeu-se à alteração do termo para “movimento pró-russo de Donbass”, tanto no *frame* “Operação Militar Especial”, como no *frame* “Invasão Imperialista”. Além disso, alterou-se um dos parágrafos⁶ no *frame* “Invasão Imperialista”, de modo a tornar o estímulo o mais semelhante possível a uma notícia real.

Conseqüentemente, foi realizado um último pré-teste no dia 28 de Novembro de 2022. Este último teste incluiu a participação de 12 indivíduos. Os resultados deste segundo pré-teste podem ser consultados nas tabelas 4 e 5. No segundo pré-teste, o posicionamento quanto ao enviesamento dos *frames* alterou-se substancialmente, já que as médias foram distintas em relação a cada ator, designadamente a Rússia ($t(22)=-6,268$; $p<0,001$); Ucrânia ($t(22)=7,676$; $p<0,001$); Batalhão Azov ($t(13,532)=10,887$; $p<0,001$); MPRD ($t(14,222)=-3,974$; $p=0,001$) e EUA ($t(22)=6,156$; $p<0,001$). Estas diferenças são, de resto, em linha com as expectativas sobre a compreensão dos textos.

Tabela 4. Médias do segundo pré-teste: Conflito russo-ucraniano

<i>Frame</i>	Rússia	Ucrânia	Batalhão Azov	População Leste Ucrânia	EUA
“Operação Militar Especial”	7.3	2.8	1.7	6.6	2.8
“Invasão Imperialista”	2.6	7.7	8	3.4	7.6

Relativamente ao enviesamento dos atores envolvidos no conflito iemenita, o panorama é similar: as médias são distintas entre os grupos que leram notícias opostas, especificamente em relação ao Governo Iemenita ($t(22)=2,207$; $p=0,038$); aos Houthis ($t(13,116)=-7,501$; $p<0,001$); à Arábia Saudita e CCG ($t(22)=14,753$; $p<0,001$); ao Irão ($t(22)=-4,730$; $p<0,001$) e aos EUA ($t(22)=5,618$; $p<0,001$).

⁶ O parágrafo dizia o seguinte: “Quando foram entrevistados pelo jornal britânico The Guardian, os soldados do regimento expressaram a sua admiração pelos ideais europeus de democracia e defesa dos direitos humanos, incluindo a liberdade de expressão. Por sua vez, um voluntário russo que luta ao lado do regimento disse que grupos militares como o Azov são ‘absolutamente necessários para trazer a ordem e manter o país unido’, mostrando admiração pelo trabalho empenhado do Batalhão na defesa da Ucrânia”. No segundo pré-teste, passou a conter a seguinte informação: “Uma declaração do Batalhão Azov à CNN, no presente mês de março, afirmou que ‘os ataques de desinformação ao Regimento Azov não param desde 2014’, acrescentando que o movimento ‘repetidamente negou as alegações de fascismo, nazismo e racismo’ e tem ucranianos de todas as origens, incluindo ‘gregos, judeus, tártaros da Crimeia, russos’ que ‘continuam a servir no Azov’.” Ademais, a declaração afirma que o grupo é ‘uma unidade especial da Guarda Nacional da Ucrânia e está subordinada exclusivamente ao Comandante-em-Chefe Supremo – o Presidente da Ucrânia, aliás, um judeu’, pelo que ‘seria absurdo pensar que’ estão ‘unidos pela ideia de racismo branco ou nazismo’.”

Tabela 5. Médias do segundo pré-teste: Conflito Iemenita

<i>Frame</i>	Governo Iémen	Houthis	Arábia Saudita e CCG	Irão	EUA
“Agressão Militar”	3.7	7.3	1.9	6.4	2.9
“Agressões Ilegítimas”	5.6	1.7	7.9	3.2	7.3

Assim sendo, utilizaram-se na experiência os estímulos validados neste segundo pré-teste, descritos com detalhe na tabela 1.

2.2.3 Variáveis Dependentes

Tendo em conta que as variáveis independentes configuraram os *frames* acima apresentados, pretendeu-se medir os efeitos destes nos *frames* individuais acerca da natureza do conflito e ações dos atores intervenientes, bem como na avaliação das partes envolvidas, sendo estas as variáveis dependentes. Para tal, nos questionários constavam perguntas fechadas que mediram o entendimento dos participantes quanto à natureza do conflito e das ações dos envolvidos (tabela 6). É de notar que para além das respostas que constam na tabela, os participantes tinham ainda como opção seleccionar “Não sei”, ou “Nem uma coisa, nem outra”.

Tabela 6. Medição dos *frames* individuais

Conflito	Perguntas fechadas	Respostas possíveis
Russo-ucraniano	Como classificaria a ação militar russa de 2024?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Operação militar especial em defesa do povo e movimento independentista de Donbass 2. Invasão imperialista (pela Rússia) da Ucrânia
	Como classificaria a natureza do Batalhão Azov?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grupo ultranacionalista neonazi 2. Fação importante da Guarda Nacional da Ucrânia, defensora da integridade territorial
	Como classificaria a natureza do MPRD?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Separatistas/terroristas rebeldes 2. Movimento popular independentista pró-russo
	Como classificaria a ação do governo ucraniano, de 2014 a 2022, em relação ao MPRD?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Defesa da integridade territorial do seu país 2. Perpetuação de crimes violentos com base na etnia russa
	Como classificaria o papel dos EUA no conflito?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aliado importante da Ucrânia na sua luta contra a invasão russa 2. Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios
Iemenita	Como classificaria a ação militar da Arábia Saudita e CCG sob sua liderança?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Agressão militar contra o povo Iemenita e movimento de resistência Houthi 2. Apoio ao Governo oficial Iemenita contra as forças terroristas Houthi
	Como classificaria a natureza do movimento Houthi?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grupo terrorista rebelde 2. Movimento de resistência
	Como classificaria as ações do Irão no conflito?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Agressões contra o governo oficial do Iémen e instigação de uma escalada do conflito 2. Apoio ao povo Iemenita e ao movimento de resistência Houthi
	Como classificaria a ação do governo iemenita em relação aos Houthis?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Defesa da integridade territorial do seu país e do seu governo legítimo 2. Perpetuação de crimes violentos contra o movimento de resistência e seus apoiantes
	Como classificaria o papel dos EUA no conflito?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aliado importante do Governo Iemenita na sua luta contra as forças rebeldes Houthi 2. Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios

Por fim, de maneira a medir-se as avaliações dos inquiridos em relação a cada interveniente nos conflitos, foi solicitado que avaliassem numa escala de Likert de 5 pontos (1 – Muito favorável; 2 – Favorável; 3 – Nem Favorável/ Nem desfavorável; 4 – Desfavorável e 5 – Muito desfavorável), os seguintes atores: quanto ao conflito russo-ucraniano, a Ucrânia, Rússia, Batalhão Azov, MPRD e EUA; em relação ao conflito no Iémen, a Arábia Saudita e CCG, o movimento dos Houthis, o Irão, o Governo Iemenita, e os EUA.

2.2.4 Procedimento

Após a constatação de que os resultados do pré-teste conferem fiabilidade aos estímulos, passou-se ao teste experimental em si, que ocorreu em seis dias diferentes. Os participantes foram divididos aleatoriamente em seis grupos, através da distribuição aleatória dos estímulos e questionários, sendo que se pugnou por um equilíbrio em termos da dimensão de cada grupo. Por um lado, três grupos relativos ao conflito russo-ucraniano, sendo que um deles foi exposto ao *frame* “Operação militar especial” (N=30), outro grupo teve como estímulo o *frame* “Invasão Imperialista” (N=30), contando ainda com o grupo de controlo (N=30). Os restantes três grupos foram alocados à análise do conflito no Iémen, pelo que um grupo foi exposto a estímulo enquadrado enquanto “Agressão militar” (N=30), outro leu a notícia que continha o *frame* “Agressões ilegítimas” (N=30) e outro funcionou como controlo (N=30). Cada participante de cada grupo alocado aos *frames* enviesados foi exposto a um único estímulo e respondeu a um questionário. Os dois grupos de controlo leram uma notícia não relacionada com os conflitos, nomeadamente uma peça relativa ao meio ambiente (disponível no Anexo 6), e responderam ao mesmo questionário que os grupos expostos aos *frames* enviesados.

Imediatamente após a leitura da notícia, todos os grupos foram convidados a verificar erros ortográficos presentes no estímulo, colocados propositadamente. Optou-se por esta “caça ao erro”, como uma forma de reduzir a possibilidade da razão da experiência ser óbvia, desviando a atenção dos participantes do objetivo da experiência, como sugere McDermott (2002) e como foi realizado por Kiousis et al. (1999). Considerando a amostra total dos 180 participantes, 47.8% detetaram as três palavras escritas de forma incorreta, 27.8% detetaram duas das três palavras, 6.1% detetaram uma das palavras, enquanto 18.3% não detetou nenhuma das palavras. Os resultados deste exercício permitem verificar que mais de 80% dos participantes prestaram atenção suficiente para se aperceber de pelo menos um dos três erros inseridos propositadamente, o que atesta que os estímulos foram efetivamente processados pela grande maioria.

Posteriormente à “caça ao erro”, os participantes preencheram os questionários (que podem ser consultados nos Anexos 7 e 8) que continham as baterias de perguntas fechadas e as escalas de Likert referidas no tópico dedicado aos estímulos⁷. Adicionalmente, todos os questionários continham questões sociodemográficas, relativas ao posicionamento ideológico e à dieta mediática. A duração média das sessões experimentais, incluindo o preenchimento dos questionários, foi de cerca de 25 minutos.

2.2.5 Participantes

A amostra é constituída por 180 estudantes das licenciaturas de Ciência Política, Relações Internacionais e Estudos Europeus em três universidades diferentes. A idade média dos participantes

⁷ Foram também colocadas duas questões abertas, que podem ser consultadas nos anexos 7 e 8, de forma a fomentar a reflexão em torno do estímulo.

foi de 20.39 (DP=5,719), sendo que 100 (55,6%) dos elementos eram do sexo feminino e 80 (44,4%) do masculino. Destes participantes, um terço (33,3%) lê ou assiste a notícias sobre a realidade internacional várias vezes por semana, 32,8% fazem-no todos os dias, 22,8% uma a duas vezes por semana, enquanto 10% várias vezes ao dia e 1,1% nunca ou menos de uma vez por semana. Quando questionados sobre os três meios de comunicação que mais utilizam para se colocarem a par das notícias internacionais, destaca-se a televisão (82,2%), seguida pelas páginas de redes sociais de canais noticiosos (72,8%) e, em terceiro lugar, pelos sites e/ou aplicações de canais noticiosos (72,2%). Neste grupo, os meios de comunicação menos populares são as redes sociais de comentadores e pessoas influentes (32,2%), a imprensa escrita (18,3%) e a rádio (13,9%). Em termos de ideologia política, os participantes foram convidados a posicionarem-se numa escala de 0 a 10, em que 0 significa a posição mais à esquerda e 10 é relativo à posição mais à direita. A média é de 5,17, uma posição centrista (DP=2,278).

Os seis grupos experimentais não apresentam diferenças estatísticas significativas na maioria das variáveis. Em termos sociodemográficos, os participantes equivalem a nível de género ($\chi^2(5) = 5,310$, $p=0,379$) e de idade ($F(5;174) = 0,734$ $p=0,599$). Adicionalmente, não se verificam diferenças relativas à ideologia política ($F(5;174) = 1,052$ $p=0,389$). Em relação à periodicidade do consumo de notícias acerca da realidade internacional ($F(5;174) = 1,587$; $p=0,166$), também não se verificam diferenças. Quanto aos meios de comunicação onde são consumidas as notícias, não há diferença significativa entre grupos no que toca ao consumo de notícias da imprensa escrita física ($\chi^2(5) = 4,787$, $p = 0,442$), dos sites/aplicações de canais noticiosos ($\chi^2(5) = 8,529$, $p = 0,129$), da televisão ($\chi^2(5) = 6,689$, $p = 0,245$), da rádio ($\chi^2(5) = 5,249$, $p = 0,386$) e das redes sociais de comentadores e pessoas influentes ($\chi^2(5) = 2,646$, $p = 0,754$). O mesmo não ocorre no caso do consumo de notícias nas páginas de redes sociais de canais noticiosos, em que existe diferença entre os seis grupos ($\chi^2(5) = 11,581$, $p = 0,041$). Tratam-se, contudo, de diferenças despidiendas e associadas a um nível de significância pouco expressivo.

Quanto aos três grupos alocados à análise do conflito russo-ucraniano, não se encontraram diferenças em quaisquer variáveis. Portanto, o grupo não difere em relação ao género ($\chi^2(2) = 0,638$, $p = 0,727$), idade ($F(2;87) = 0,007$; $p = 0,993$) e posição política ($F(2;87) = 0,502$; $p = 0,607$). Ademais, também não se verificam diferenças na frequência do consumo de notícias ($F(2;87) = 2,696$; $p = 0,073$) e quanto aos meios de comunicação usados para estar a par das notícias, nomeadamente no que toca à imprensa escrita ($\chi^2(2) = 3,750$, $p = 0,153$), a sites/apps canais noticiosos ($\chi^2(2) = 2,100$, $p = 0,350$), à TV ($\chi^2(2) = 0,900$, $p = 0,764$), à rádio ($\chi^2(2) = 0,580$, $p = 0,748$), às páginas de redes sociais de canais noticiosos ($\chi^2(2) = 5,291$, $p = 0,071$) e às páginas de redes sociais de comentadores e influentes ($\chi^2(2) = 1,261$, $p = 0,532$).

A mesma análise se aplicou ao três grupos alocados ao conflito iemenita, sendo que não se encontraram diferenças quanto ao género ($\chi^2(2) = 4,286$, $p = 0,117$), idade ($F(2;87) = 0,769$; $p = 0,466$) e posição política ($F(2;87) = 2,056$; $p = 0,134$). Mais uma vez, a frequência do consumo de

notícias ($F(2;87) = 0,884; p = 0,417$) e a escolha de meios de comunicação usados também não foram fatores diferenciadores entre os participantes alocados a este grupo, já que não se verificaram diferenças significativas relativamente à imprensa escrita ($\chi^2(2) = 0,480, p = 0,787$), aos sites/apps canais noticiosos ($\chi^2(2) = 3,986, p = 0,136$), à TV ($\chi^2(2) = 0,481, p = 0,786$), à rádio ($\chi^2(2) = 1,098, p = 0,721$) e às páginas de redes sociais tanto de canais noticiosos ($\chi^2(2) = 3,986, p = 0,136$), como de comentadores e personalidades influentes ($\chi^2(2) = 0,433, p = 0,805$).

Desta análise conclui-se que a aleatorização da distribuição dos participantes pelos grupos funcionou perfeitamente, criando grupos equivalentes, pelo menos em relação às variáveis que foi possível mensurar.

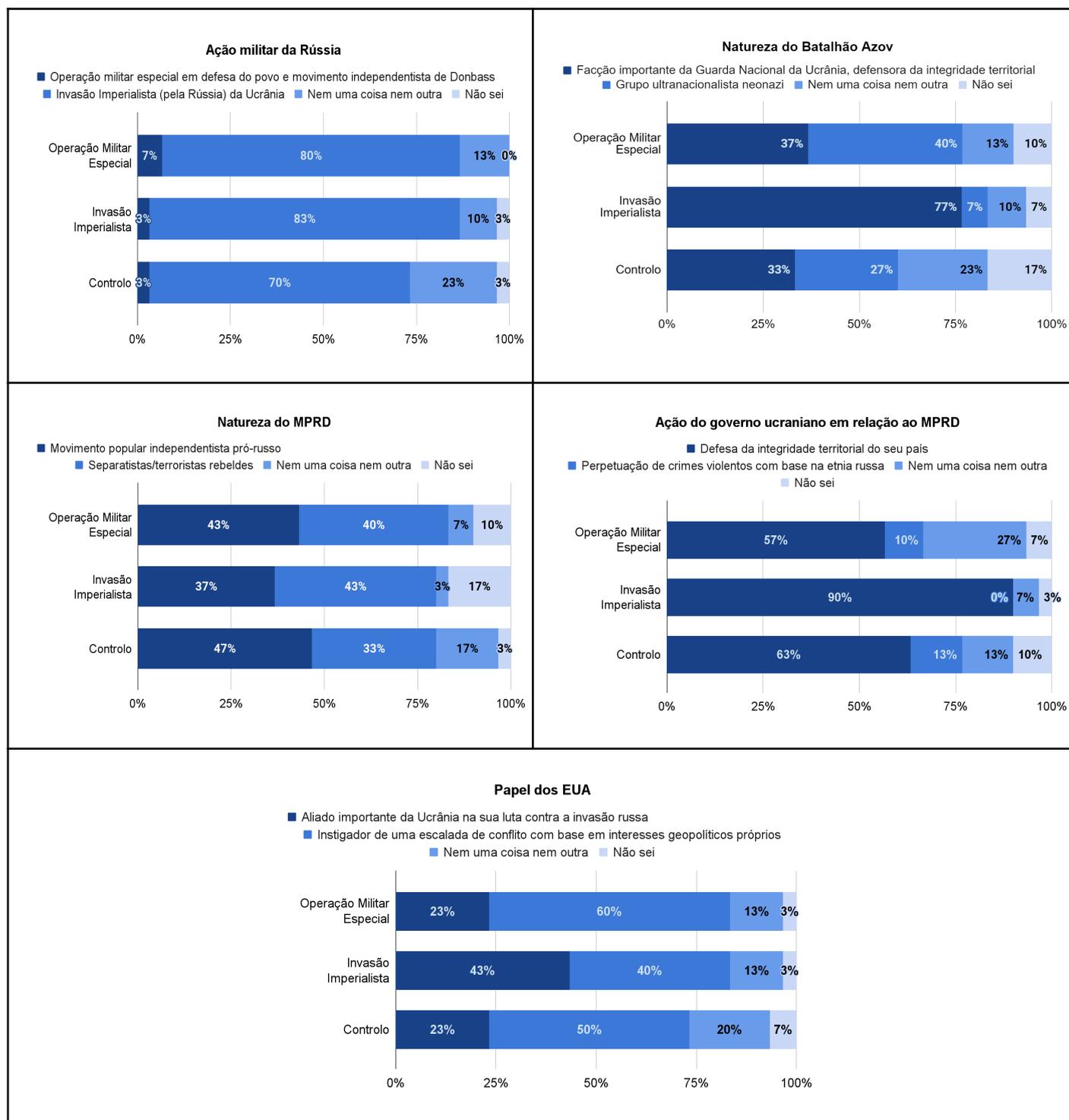
Capítulo III - Resultados

Nas próximas páginas, apresentam-se os resultados do teste estatístico das nove hipóteses apresentadas no capítulo anterior, realizadas com base nos dados recolhidos através da experiência em laboratório desenhada especificamente para o efeito.

As hipóteses H1 e H2 determinam que a exposição a um *frame* relativo ao conflito russo-ucraniano com valência enviesada tem impacto nos *frames* individuais. Com isto, espera-se que as interpretações individuais decorrentes da exposição ao *frame* “Operação Militar Especial” vão ao encontro do entendimento explícito nesse último, nomeadamente no que toca à ação militar russa (H1a), à natureza do Batalhão Azov (H1b), à natureza do MPRD (H1c), às ações do governo ucraniano quanto ao MPRD (H1d) e ao papel dos EUA (H1e) mais frequentemente junto dos expostos a este *frame* do que ao *frame* oposto ou a nenhum *frame* sobre este conflito. Por outro lado, hipotetizou-se que a exposição ao *frame* “Invasão Imperialista” leva a *frames* individuais em concordância quanto aos mesmos envolvidos, especificamente no que toca à Rússia (H2a), ao Batalhão Azov (H2b), ao MPRD (H2c), ao governo ucraniano (H2d) e aos EUA (H2e) mais frequentemente entre os participantes que leram a notícia com este *frame* do que entre os que leram o artigo com outro *frame* ou sobre um tema não relacionado com este conflito. Estas hipóteses são testadas através do teste de Qui-Quadrado devido à natureza das variáveis dependentes ser categorial.

Relativamente ao entendimento quanto à ação militar russa, verificou-se que não existe uma relação estatisticamente significativa entre a classificação da mesma e a pertença a qualquer um dos grupos experimentais ($\chi^2(6) = 3,729, p = 0,781$). Também não se confirmaram diferenças de interpretação estatisticamente significativas entre grupos no que toca à natureza do MPRD ($\chi^2(6) = 6,685, p = 0,366$), à ação do governo ucraniano quanto a este movimento ($\chi^2(6) = 11,381, p = 0,070$) e ao papel dos EUA no conflito ($\chi^2(6) = 4,938, p = 0,572$), algo ilustrado pelas percentagens na figura 1. Assim, as hipóteses H1a, H1c, H1d, H1e, H2a, H2c, H2d e H2e foram rejeitadas. As interpretações referentes ao grupo Azov foram as únicas a diferir significativamente entre os grupos ($\chi^2(6) = 17,303, p = 0,007$). Em concreto, não houve a adoção do *frame* mediático no que toca ao Batalhão Azov no grupo exposto ao *frame* “Operação Militar especial”. Este grupo registou uma percentagem maior de interpretações da natureza do Batalhão Azov enquanto ultranacionalista neonazi (40%) que nos outros dois grupos (7% e 27%). Todavia, a diferença entre este grupo e o grupo de controlo foi residual, pelo que se rejeitou a H1b. No grupo exposto ao *frame* “Invasão Imperialista”, foram maioritárias as perceções do Batalhão Azov enquanto uma facção importante na defesa da Ucrânia (77%, contra 37% e 33%). Este resultado confirma a H2b.

Figura 1. Frames individuais do conflito russo-ucraniano



Paralelamente, analisou-se os efeitos dos *frames* mediáticos nos *frames* individuais relativos ao conflito iemenita. Como referido no capítulo anterior, hipotetizou-se que a exposição ao *frame* “Agressão Militar” resulta em *frames* individuais consonantes com o seu conteúdo, especificamente no que toca à ação militar da Arábia Saudita e CCG (H3a), à natureza dos Houthis (H3b), às ações do Irão (H3c), às ações do governo iemenita em relação aos Houthis (H3d) e à intervenção dos EUA (H3e)

mais frequentemente junto dos participantes expostos a este *frame* do que ao *frame* oposto ou a nenhum *frame* sobre este conflito. Similarmente, os indivíduos expostos ao *frame* antagónico – “Agressões Ilegítimas” – devem apresentar *frames* individuais congruentes com a notícia que leram relativamente aos mesmos atores, *i.e.*, à ação militar da Arábia Saudita e CCG (H4a), à natureza dos Houthis (H4b), às ações iranianas (H4c), às ações do governo iemenita em relação aos Houthis (H4d) e ao papel dos EUA (H4e) mais frequentemente que os que leram o artigo com outro *frame* ou sobre um tema não relacionado com este conflito. No geral, os resultados relativos a este conflito revelaram-se substancialmente diferentes dos referentes ao conflito na Ucrânia.

As interpretações quanto à ação da Arábia Saudita e CCG ($\chi^2(6) = 42,921, p = 0,000$), à natureza do movimento dos Houthis ($\chi^2(6) = 53,321, p = 0,000$), ao papel do Irão ($\chi^2(6) = 19,747, p = 0,002$), à ação do governo quanto aos Houthis ($\chi^2(6) = 16,813, p = 0,008$) e ao envolvimento dos EUA no conflito ($\chi^2(6) = 11,646, p = 0,048$) apresentam diferenças estatísticas significativas entre os grupos. As percentagens ilustrativas dessas diferenças podem ser consultadas na figura 2.

Especificamente, no que toca à interpretação da ação militar da Arábia Saudita e CCG, o *frame* individual mais comum no grupo exposto ao *frame* “Agressão Militar” foi congruente com a informação a que os seus membros foram expostos, já que 70% classificaram a ação enquanto agressão militar, contra 3% e 23% nos outros grupos, confirmando a H3a. O grupo exposto ao *frame* oposto também tendeu a segui-lo, já que optou maioritariamente (77%) por categorizar a ação militar enquanto apoio contra os terroristas Houthis, contra 10% e 33% nos outros grupos, o que confirma a H4a. Finalmente, o grupo de controlo registou uma maior divisão entre as duas possibilidades de resposta unidirecionais, bem como uma maior percentagem de respostas “Não sei” e “Nem uma coisa, nem outra”, revelando maiores graus de incerteza comparativamente aos grupos que leram notícias sobre o conflito.

No que tange aos Houthis, os dois grupos expostos aos *frames* enviesados tenderam a adotar os mesmos, refletindo-se nos seus *frames* individuais. Assim, o *frame* individual mais comum no grupo exposto ao *frame* mediático “Agressão Militar” é o relativo à natureza dos Houthis enquanto movimento de resistência (87%, contrastando com 7% e 27% nos outros grupos), o que confirma a H3b. Por sua vez, o *frame* escolhido com mais frequência no grupo exposto ao *frame* antagónico foi o que categoriza os Houthis enquanto terroristas (87%, com 7% e 47% nos outros grupos), confirmado a H4b. Aqui, o grupo de controlo registou novamente um equilíbrio em termos de frequência de escolha das opções de resposta unidirecionais, bem como um maior grau de incerteza, traduzido num total de 27% de respostas “Não sei” e “Nem uma coisa, nem outra”.

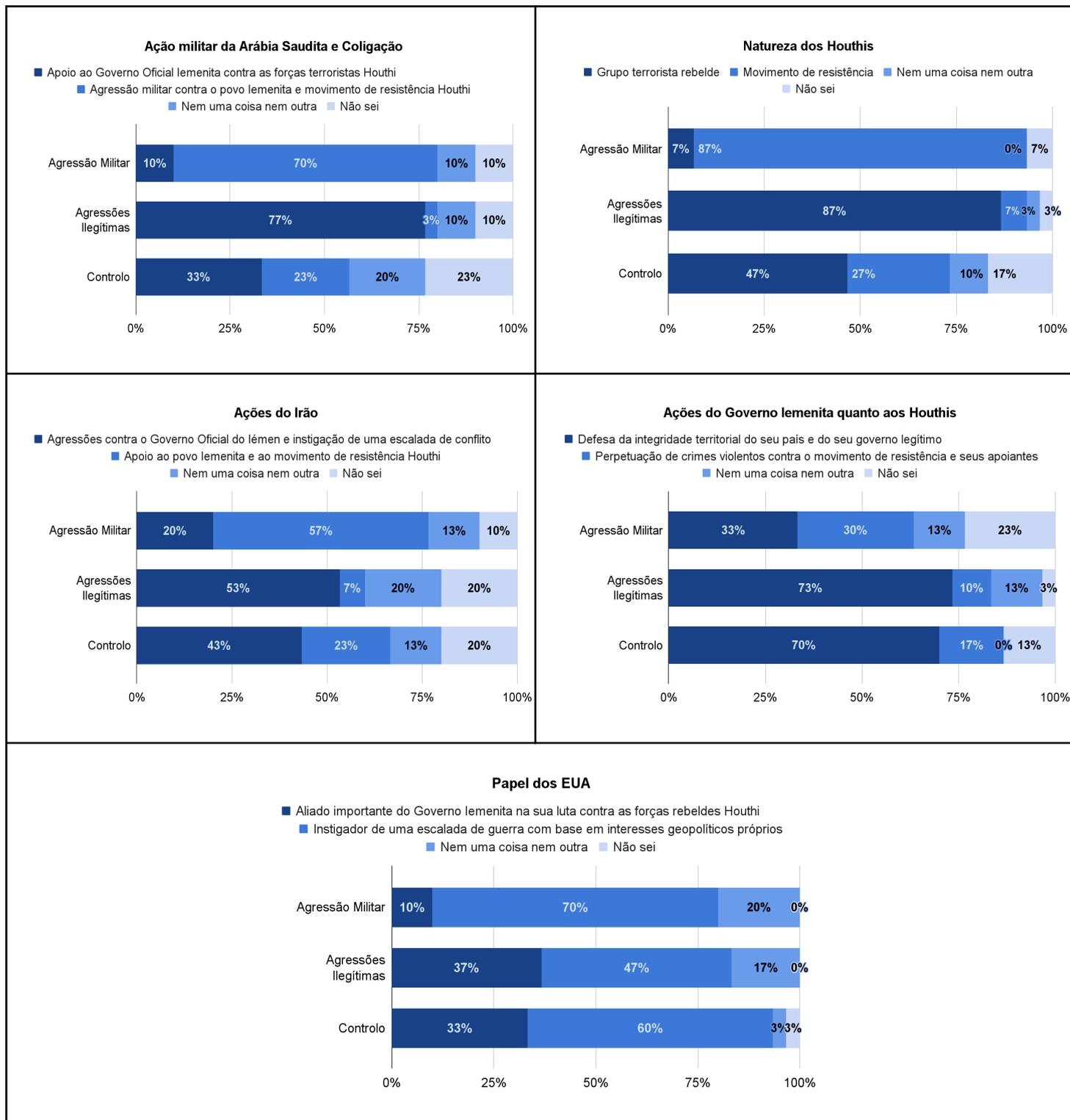
Quanto ao Irão, os *frames* individuais dos grupos expostos a notícias enviesadas mostraram-se em congruência com as mesmas. As interpretações das ações do Irão enquanto agressão e instigação do conflito registaram uma percentagem maior no grupo exposto ao *frame* “Agressões Ilegítimas” (53%, contra 20% e 43% nos outros grupos). Todavia, como a diferença entre o primeiro grupo e o grupo de controlo é mínima, optou-se pela rejeição da H4c. O entendimento do papel iraniano enquanto de

apoio ao movimento Houthi e povo iemenita contra agressões foi frequentemente encontrado junto dos indivíduos expostos ao *frame* “Agressão Militar” (57% vs. 7% e 23% nos outros grupos). Tal padrão confirma a hipótese H3c. O grupo de controlo voltou a registar uma menor concentração em qualquer uma das duas principais opções de resposta e um maior grau de incerteza.

Relativamente às ações do governo iemenita em relação aos Houthis, a exposição ao *frame* “Agressões Ilegítimas” resultou numa percentagem maior de interpretações de tais ações enquanto defesa da integridade territorial e do governo legítimo (73%). Contudo, o grupo de controlo registou também uma percentagem elevada de interpretação destas ações como defesa do país (70%), apresentando um padrão de respostas muito similar ao do grupo experimental exposto a este *frame*. Como houve uma diferença residual entre os dois grupos em causa, optou-se pela rejeição da hipótese H4d. Por outro lado, o *frame* individual mais comum dentro do grupo “Agressão Militar” não correspondeu ao esperado no que toca à visão das mesmas ações enquanto perpetuação de crimes violentos, pois apenas 30% do grupo optou por esta interpretação, pouco menos do que os que optaram pela perspetiva de defesa da integridade territorial e do governo legítimo (33%). Por esta razão, não foi possível confirmar a H3d.

Por fim, as respostas do grupo alocado ao *frame* “Agressão Militar” refletem o *frame* mediático a que foram expostos no que toca ao envolvimento dos EUA, que foi visto como instigador de uma escalada do conflito mais frequentemente neste grupo (70%) do que no exposto ao outro *frame* (47%) e no grupo de controlo (60%). Este resultado não permite confirmar a H3e, já que, mais uma vez, a diferença entre o grupo expostos ao *frame* “Agressão Militar” e grupo de controlo foi pequena. Ademais, a H4e não foi confirmada, visto que os indivíduos expostos ao *frame* oposto foram mais propensos a entender os EUA enquanto instigador do conflito (47%) do que como aliado na defesa contra os Houthis (37%).

Figura 2. Frames individuais do conflito iemenita



As hipóteses H5, H6, H7 e H8 dizem respeito à possibilidade da exposição aos *frames* enviesados se refletirem nas avaliações das partes envolvidas em cada conflito. Assim, espera-se que as avaliações decorrentes da exposição ao *frame* “Operação Militar Especial” sejam consistentes com o mesmo, e distintas das dos outros grupos, designadamente no que diz respeito à Rússia (H5a), Ucrânia (H5b),

Batalhão Azov (H5c), MPRD (H5d) e EUA (H5e). As avaliações consequentes do *frame* “Invasão Imperialista” terão cariz oposto ao *frame* anterior, resultando em posições congruentes com as constantes na notícia enviesada no que toca à Rússia (H6a), Ucrânia (H6b), Batalhão Azov (H6c), MPRD (H6d) e EUA (H6e). Estas hipóteses foram testadas através de testes de diferenças entre médias (One-way Anova), devido à natureza contínua das variáveis dependentes.

No que tange à avaliação dos intervenientes no conflito russo-ucraniano, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos relativamente à Ucrânia ($F(2;87) = 0,639$; $p = 0,530$), Rússia ($F(2;53,713) = 1,607$; $p = 0,210$)⁸ e MPRD ($F(2;87) = 0,011$; $p = 0,989$), como ilustra a figura 3. Por essa razão, as hipóteses H5a, H5b, H5d, H6a, H6b e H6d não foram confirmadas.

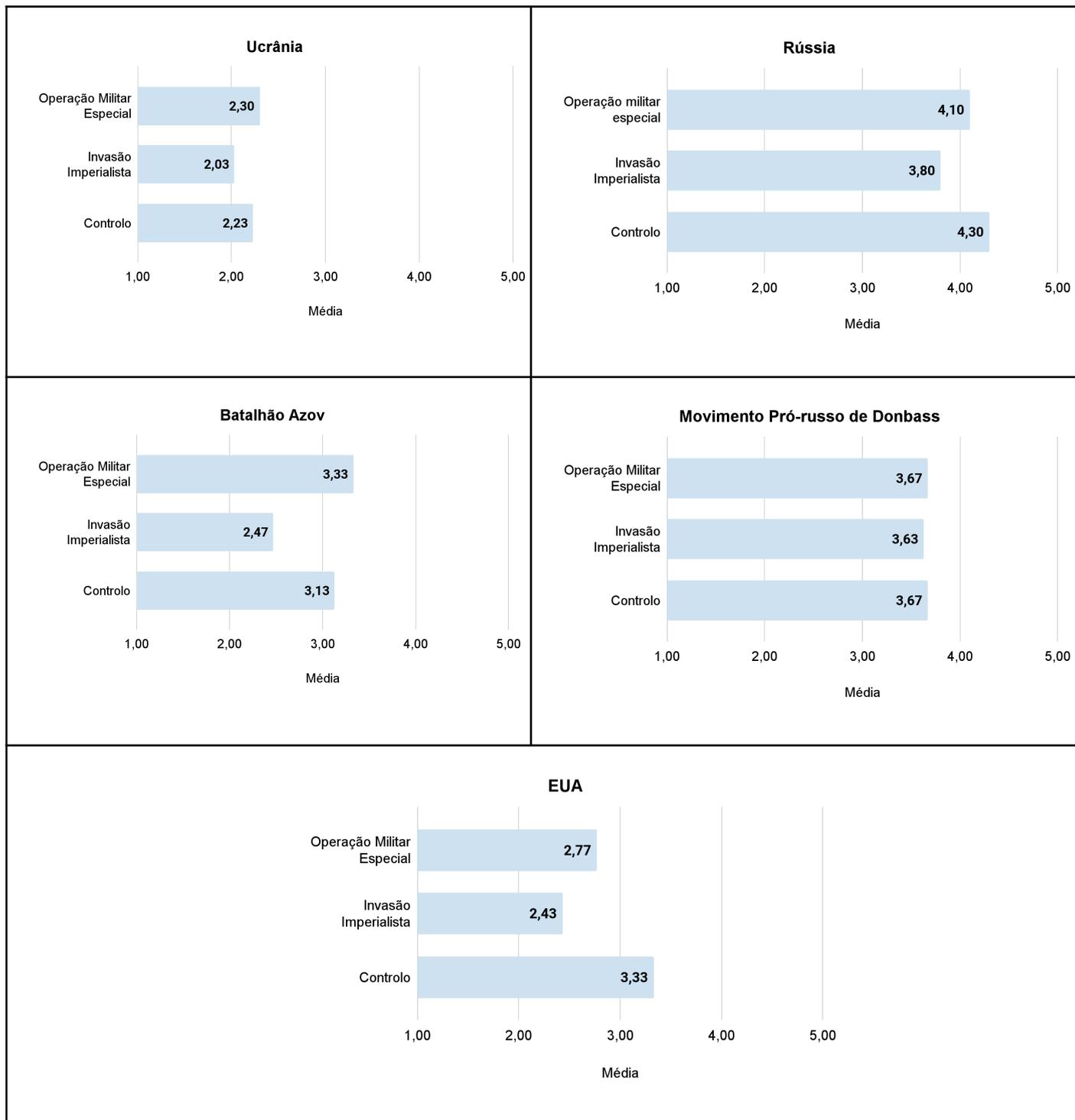
Quanto aos demais atores, verificam-se diferenças estatísticas relevantes quanto ao papel do Batalhão Azov ($F(2;87) = 6,135$; $p = 0,003$), designadamente entre os grupos⁹ expostos a *frames* enviesados de forma contrária, bem como entre o grupo exposto ao *frame* “Invasão Imperialista” e o grupo de controlo. Apesar do Batalhão Azov ter sido avaliado de forma mais positiva pelos indivíduos alocados ao *frame* “Invasão Imperialista”, mais negativa no grupo alocado ao *frame* “Operação militar especial” e de forma intermédia pelo grupo de controlo (figura 3), em linha com o esperado, a diferença entre as avaliações nos grupo de controlo e exposto ao *frame* “Operação Militar Especial” não é estatisticamente significativa, o que impede uma confirmação da H5c. Por sua vez, a H6c foi confirmada.

No que respeita à avaliação dos EUA, o resultado da diferença de médias é estatisticamente significativo ($F(2;87) = 5,664$; $p = 0,005$), tendo sido confirmada apenas uma diferença entre o grupo de controlo e o grupo exposto ao *frame* “Invasão Imperialista” (figura 3). Em concreto, o grupo alocado ao *frame* “Invasão Imperialista” registou avaliações mais positivas que o grupo de controlo, mas não em relação ao grupo exposto ao *frame* oposto, não permitindo uma confirmação da hipótese H6e. Já a H5e foi rejeitada, já que as avaliações decorrentes da exposição ao *frame* “Operação Militar Especial” não se mostraram estatisticamente diferentes das avaliações dos demais grupos.

⁸ Perante a não homogeneidade de variâncias nesta variável dependente concreta, foi realizada a ANOVA com correção de Welsh.

⁹ Estes resultados, e os seguintes, resultam de comparações múltiplas através do post hoc de Tukey.

Figura 3. Avaliação dos atores envolvidos no conflito russo-ucraniano



Escala: 1 (Muito favorável) – 5 (Muito desfavorável)

Identicamente ao postulado quanto ao conflito russo-ucraniano, espera-se que os indivíduos expostos a notícias sobre o conflito iemenita também avaliem os atores deste conflito em linha com os *frames* a que foram expostos. Assim, conta-se que a exposição ao *frame* “Agressão Militar” resulte em avaliações congruentes com o mesmo, e distintas das encontradas nos outros grupos experimentais, no

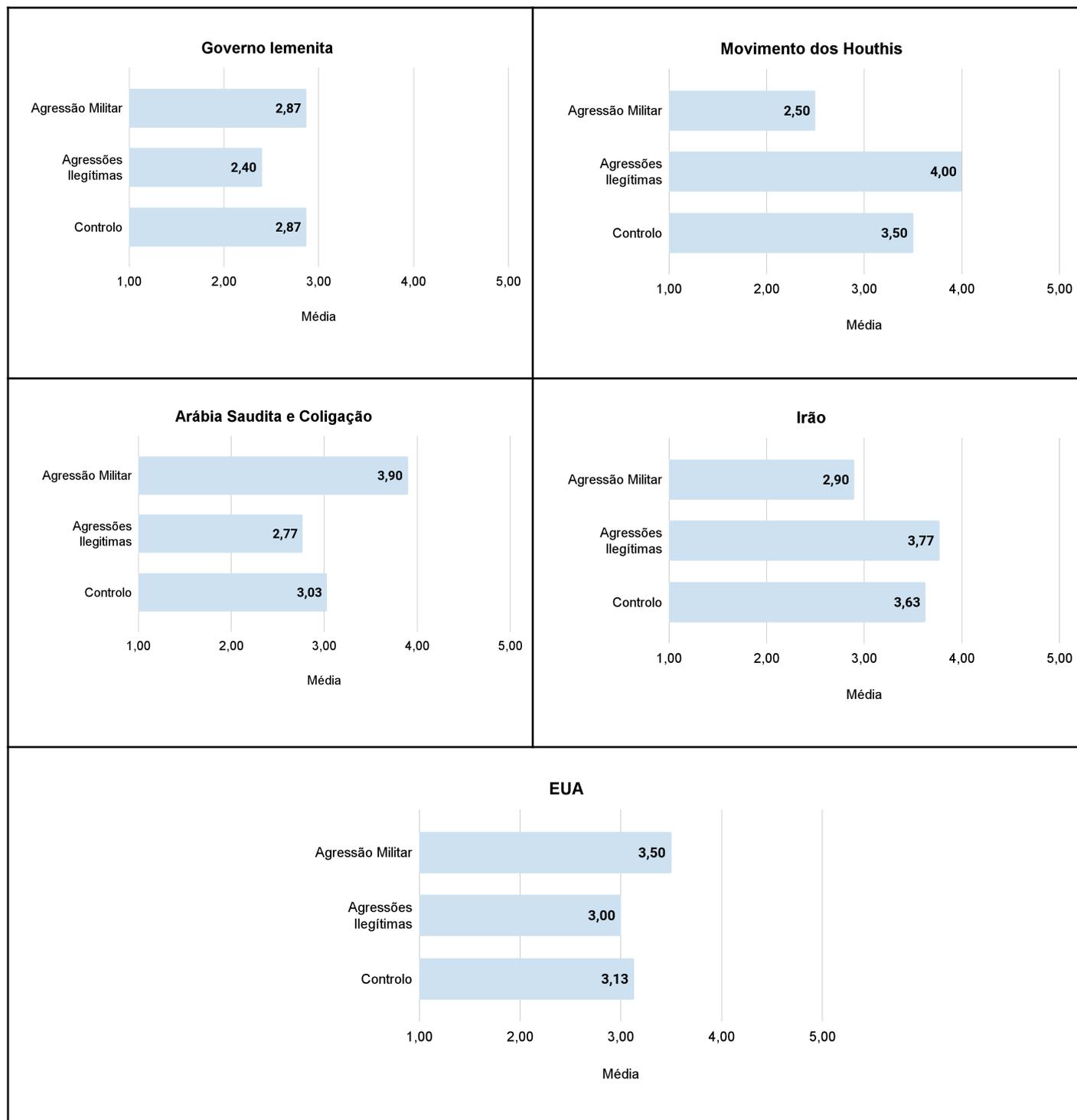
que diz respeito à Arábia Saudita e CCG (H7a), aos Houthis (H7b), ao Irão (H7c), ao Governo Iemenita (H7d) e EUA (H7e). Por outro lado, espera-se que avaliações resultantes do *frame* oposto – “Agressões Ilegítimas” – resultem em avaliações idênticas às deste, no que toca à Arábia Saudita e CCG (H8a), aos Houthis (H8b), ao Irão (H8c), ao Governo Iemenita (H8d) e EUA (H8e).

Começa-se por destacar que as avaliações dos três grupos não diferiram quanto ao Governo Iemenita de Hadi ($F(2;87) = 2,627; p = 0,078$) e aos EUA ($F(2;87) = 1,804; p = 0,171$), como se pode observar na figura 4. Desta forma, as hipóteses H6d, H6e, H7d e H7e são rejeitadas. Por outro lado, verificaram-se diferenças nas médias das avaliações respeitantes ao papel dos Houthis ($F(2;87) = 20,856; p = <0,001$), à Arábia Saudita ($F(2;87) = 10,533; p = <0,001$) e ao envolvimento do Irão ($F(2;87) = 8,234; p = <0,001$) (figura 4).

Tal como esperado, em relação à Arábia Saudita e CCG, o grupo exposto ao *frame* “Agressão militar” foi o que registou avaliações mais negativas, apresentando valores significativamente distintos dos observados nos dois outros grupos. Isto permite confirmar a H7a. No entanto, embora o grupo alocado ao *frame* “Agressões Ilegítimas” tenha registado avaliações mais positivas do que o acima referido, os valores apurados não são estatisticamente distintos dos do grupo de controlo. Assim, a hipótese H8a não pode ser confirmada.

A hipótese H7b foi confirmada, pois os Houthis foram avaliados de forma mais favorável dentro do grupo exposto ao *frame* “Agressão Militar” do que nos demais grupos. No entanto, a H8b não é confirmada, já que embora se tenha verificado uma diferença significativa entre as avaliações dos grupos expostos a *frames* opostos, o mesmo não sucedeu na comparação entre o grupo alocado ao *frame* “Agressões Ilegítimas” e o grupo de controlo. Semelhantemente, o Irão obteve avaliações mais positivas no grupo exposto ao *frame* “Agressão militar” que nos dois outros grupos, confirmado o postulado pela hipótese H7c. A H8c não recebe confirmação, já que se observou uma diferença significativa entre os dois grupos expostos a *frames* opostos, mas não entre o grupo de controlo e o grupo exposto ao *frame* “Agressões Ilegítimas”.

Figura 4. Avaliações dos atores envolvidos no conflito iemenita



Escala: 1 (Muito favorável) – 5 (Muito desfavorável)

3.1 Síntese dos Resultados e Discussão

Em síntese, a exposição a *frames* antagónicos sobre o conflito russo-ucraniano teve como consequência resultados similares em termos de *frames* individuais, no sentido em que apenas uma

das hipóteses relativas à natureza do Batalhão Azov foi confirmada, nomeadamente a relacionada com a exposição ao *frame* “Invasão Imperialista. Por outro lado, as perceções relativas à ação militar da Rússia, à natureza do MPRD, às ações do governo ucraniano quanto ao MPRD e ao papel dos EUA não variaram significativamente entre grupos. No que diz respeito às avaliações dos atores envolvidos no conflito russo-ucraniano, apenas se encontram diferenças relativamente a dois atores, e de forma meramente parcial. Por um lado, no caso do Batalhão Azov, mesmo que se tenha verificado sobretudo uma diferença entre os grupos expostos a *frames* opostos sem diferenças robustas entre um dos grupos experimentais e o grupo de controlo. Por outro, as avaliações quanto aos EUA diferiram entre o grupo de controlo e o grupo do *frame* “Invasão Imperialista”, mas não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as avaliações decorrentes da exposição a *frames* antagónicos. A exposição aos *frames* do conflito russo-ucraniano pode ter resultado em *frames* individuais e avaliações congruentes com as notícias apenas em relação ao Batalhão Azov porque, comparativamente aos outros intervenientes no conflito, este ator foi o mais destacado nos estímulos. Esta saliência pode ter maximizado a adoção dos *frames* mediáticos em ambos os grupos. Ademais, seguindo o raciocínio de outros trabalhos (Nina & Santana Pereira, 2021; Shehata et al. 2024), o facto deste interveniente configurar um ator menos conhecido, pode ter levado a uma maior tendência para seguir o *frame* mediático apresentado.

Por sua vez, os resultados da exposição aos *frames* do conflito iemenita mostraram-se definitivamente mais frequentes, já que a exposição ao *frame* “Agressão Militar” resultou em *frames* individuais maioritariamente congruentes com as notícias enviadas em várias instâncias, ao passo que a exposição ao *frame* oposto resultou na adoção do *frame* mediático de dois atores. Todavia, as avaliações dos atores envolvidos no conflito iemenita foram impactadas apenas pelo *frame* mediático “Agressão Militar”, pois as avaliações decorrentes da exposição ao *frame* “Agressões Ilegítimas” não diferiram, na sua maioria, das do grupo de controlo. Quanto aos casos em que os *frames* mediáticos foram adotados, o ator governo iemenita merece uma menção especial. Nesse sentido, há que ter em conta que este ator talvez tenha recebido destaque insuficiente nos estímulos, não havendo possibilidade de os participantes criarem uma ideia forte o suficiente deste ator, uma ilação em linha com o estudo de Shehata et al. (2024). Considerando também a importância das palavras utilizadas (Brown, 2003; Dimitrova et al., 2005; Entman, 1991; Entman et al., 2008; Pan & Kosicki, 1993) outra possível causa pode estar relacionada com o termo que designa o ator, já que o facto de ser referido como governo pode passar a impressão de uma certa legitimidade que, numa situação de ser designado apenas como uma facção que apoia o governo reconhecido internacionalmente, poderia ser mais reduzida.

À luz destes resultados, opta-se pela confirmação da H9, que postula que os efeitos do *framing* seriam mais substanciais nos grupos expostos aos *frames* mediáticos do conflito iemenita do que nos grupos alocados ao conflito russo-ucraniano. A razão pela qual isto aconteceu poderá estar relacionada, por um lado, com a saliência dada ao conflito russo-ucraniano, que é extremamente

mediatizado e cuja interpretação e avaliação dos envolvidos deverá estar mais desenvolvida nas mentes dos inquiridos, pelo que os *frames* apresentados não foram fortes o suficiente para abalar essas convicções. Isto vai ao encontro de ideias como as de Chong e Druckman (2013), Druckman (2011), Entman (1993), nomeadamente no que diz respeito aos efeitos de *framing* não afetarem todos os indivíduos de igual forma, principalmente quando se trata de convicções cristalizadas. O facto de os indivíduos serem mais familiarizados com o conflito russo-ucraniano tornou mais difícil existir efeitos de *framing* substantivos nestes grupos, pelo que é importante não descurar o peso das comunicações mediáticas do mundo real nas respostas aos questionários, uma vez que os participantes foram expostos a informações sobre esta guerra de forma consistente e por um longo período de tempo fora desta experiência. Tal como foi notado por Gaines e Kuklinski (2011, p. 446), questões do mundo real podem ter um efeito poderoso e fazer com que um tratamento experimental não tenha resultado.

No seguimento do argumentado por Shehata et al. (2024), pode afirmar-se que o conflito russo-ucraniano foi tão saliente nos média que os indivíduos adquiriram opiniões específicas e sólidas sobre o mesmo. Ademais, este conflito também pode ter um grau de importância maior subjacente, pois implica uma revisão da ordem mundial e uma possível entrada da OTAN no conflito. Isto pode ter impulsionado o desenvolvimento mais aprimorado de informações em comparação com o conflito do Iémen, cuja informação mediática é mais reduzida, impulsionando os indivíduos a apresentar interpretações congruentes com as dos *frames* mediáticos. Assim, a importância do tema e a diferença da quantidade de informação também podem ter sido fatores diferenciadores dos efeitos entre ambos os conflitos, tal como argumentado por Han e Shoemaker (2009). É importante não descurar o facto do conflito iemenita ser menos familiar, o que pode ter levado a efeitos do *framing* mais substanciais nos participantes que leram sobre o mesmo, já que podem ter seguido a informação mais recente sobre o mesmo, *i.e.*, os *frames* mediáticos a que foram expostos (Shehata et al., 2024).

Considerando ainda o estudo de Nina e Santana Pereira (2021), importa relacionar o insucesso das hipóteses relativas à avaliação dos EUA com o facto deste ator ser amplamente conhecido, pelo que os *frames* individuais e as avaliações podem não ter seguido os *frames* mediáticos por esta razão. Isto ocorreu em todas as hipóteses relacionadas com o ator nos dois conflitos, o que leva a crer que as ideias pré-existentes sobre o ator não foram abaladas pelos *frames* empregues nesta experiência, tendo havido situações em que os participantes se comportaram de forma completamente oposta ao esperado.

Conclusão

O principal objetivo deste trabalho foi o de perceber se existe, de facto, impacto de *frames* mediáticos enviesados nos *frames* individuais, nomeadamente na interpretação dos conflitos russo-ucraniano e iemenita e ações das partes envolvidas, bem como nas avaliações relativamente a estas últimas. Para tal, foi levada a cabo uma experiência na qual vários participantes foram expostos a *frames* enviesados de forma inversa relativamente ao papel dos intervenientes nos conflitos, sendo que as perceções individuais foram medidas imediatamente a seguir à exposição ao *frame*.

Sucintamente, a exposição aos dois conflitos resultou em efeitos de *framing* distintos. No que toca aos *frames* individuais e avaliações dos participantes que leram notícias sobre o conflito russo-ucraniano, aferiu-se que apenas os participantes expostos ao *frame* “Invasão Imperialista” seguiram o enredo apresentado quando se tratou do Batalhão Azov. Por outro lado, os efeitos de *framing* no caso do conflito iemenita revelaram-se mais substanciais, havendo mais impacto dos *frames* mediáticos nos *frames* individuais e avaliações dos participantes. Por outras palavras, verificou-se que a exposição a notícias sobre o conflito iemenita, objeto de menor visibilidade mediática, produziu efeitos mais substanciais do que a exposição ao conflito russo-ucraniano, conflito largamente mediatizado em Portugal. Esta conclusão vai ao encontro de outros estudos que mostram que os efeitos de *framing* não afetam todos da mesma forma, principalmente quando se tratam de convicções fortes (Entman, 1993; Chong & Druckman, 2013; Druckman, 2011), mas também de investigações centradas na familiaridade com os tópicos (Shehata et al., 2024; Han e Shoemaker, 2009).

Este impacto dos *frames* mediáticos, mais comum no caso do conflito iemenita partiu, principalmente, da escolha do tipo de comunicação utilizada, marcada pela destacada valência (Bullock & Vedlitz, 2017; Druckman & Nelson, 2003; Nelson et al, 1997; Nelson & Oxley, 1999; Schuck & de Vreese, 2006; Slothuus, 2008), parcialidade e escolha de palavras e informações em prejuízo de outras, como adiantado por outros estudos (Aday, 2006; Bayulgen & Arbatli, 2013; Brown, 2003; Dimitrova et al., 2005; Entman, 1991; Entman et al., 2008; Evans, 2010; Pan & Kosicki, 1993; Viser, 2003). Por conseguinte, foi confirmada a capacidade de o *framing* alterar as perceções de conflitos armados, tal como também fizeram investigações anteriores (Beattie & Milojevich, 2017; Berinsky & Kinder, 2006; Entman, 1991; Iyengar & Simon, 1993; Rill & Davis, 2008; Woods, 2011).

Considerando tudo isto, o presente estudo visou contribuir para a investigação na área da comunicação política, num âmbito mais largo, bem como, especificamente, para os estudos dos efeitos de *framing* de ênfase unilaterais focados na análise de conflitos armados. Ao centrar-se nos efeitos do *framing* nos *frames* individuais e avaliações relativas a dois conflitos distintos, a grande novidade deste estudo prende-se à conclusão de que a cobertura jornalística desigual de conflitos violentos leva

a percepções diferentes quanto a estes, designadamente no que diz respeito à natureza dos mesmos, ações dos atores e avaliações das partes envolvidas.

Em todo o caso, importa referir as limitações inerentes a esta investigação. Em primeiro lugar, este estudo não recorreu a estímulos e medidas que permitissem diferenciar os efeitos provenientes do ênfase dado às considerações inseridas na mensagem e aqueles que, porventura, decorreram das informações temáticas em si, uma crítica normalmente subjacente a investigações de *framing* de ênfase, como apontam alguns autores (Cacciatore et al., 2016; Leeper & Slothuus, 2018), ainda que Kaiser (2020) tenha afirmado que ambos se podem considerar efeitos de ênfase. Neste sentido, seria interessante que estudos futuros apresentassem *frames* desenhados de forma a separar estes dois efeitos, seguindo o exemplo de Berinsky e Kinder (2006). Ainda em relação à medição dos efeitos de *framing*, é de mencionar que a presente investigação, ao avaliar os efeitos do *framing* no momento imediatamente posterior à exposição, não beneficiou da vantagem de medições posteriores das variáveis dependentes, no sentido de perceber se os efeitos do *framing* se mantêm ao longo do tempo, ao acompanhar a evolução dos mesmos. Além disso, a presente investigação só se focou nas interpretações e avaliações dos temas e intervenientes constantes nos *frames*, descurando outros fatores comportamentais e atitudinais.

Adicionalmente, os resultados desta investigação podem ser difíceis de extrapolar para a população geral, já que os participantes eram estudantes de áreas relacionadas com a política, não perfazendo um grupo representativo da sociedade.

É de notar que, hoje, os resultados desta experiência poderiam ser diferentes, já que a mesma decorreu no fim do ano de 2022 e o atual panorama da escalada do conflito israelo-palestiniano fez com os meios de comunicação destacassem a intervenção dos Houthis no mesmo, acabando por dar mais pistas sobre a natureza e ações deste grupo, bem como se deram os ataques entre o Irão e Israel na sequência do bombardeamento da embaixada iraniana na Síria, situações que poderiam afetar as percepções dos participantes expostos aos *frames* mediáticos do conflito iemenita.

Em síntese, o presente estudo mostra que é possível moldar as opiniões individuais acerca de conflitos armados, pelo que se deve dar importância à cobertura jornalística que é feita, prezando por informações imparciais e justas, principalmente por se tratarem de eventos distantes. Nesse sentido, é necessário fomentar o espírito crítico e refletir sobre o potencial poder legitimador dos *frames* relativamente a intervenções externas em guerras, nomeadamente aqueles que marginalizam soluções que fujam à regra simplesmente com base em interesses geopolíticos. Isto é de particular interesse por se verificar que a cobertura mediática de conflitos armados não é igual, algo que pode refletir os interesses geopolíticos dos Estados, havendo o foco em conflitos que envolvem os interesses de grandes potências, como o caso o conflito russo-ucraniano, e ignorando conflitos como os do Iémen, tendo como consequência a falta de resposta das organizações internacionais.

Referências Bibliográficas

AbrilAbril (2022, 10 de Março). As mentiras andam mais depressa que os misseis. *AbrilAbril*. Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/internacional/mentiras-andam-mais-depressa-que-os-misseis>

Aday, S. (2006). The Framesetting Effects of News: An Experimental Test of Advocacy Versus Objectivist Frames. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 83(4), 767–784.

Al Jazeera. (2014, 12 de Maio). Ukraine separatists declare independence. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2014/5/12/ukraine-separatists-declare-independence>

Al Jazeera (2015, 11 de Maio). Yemen’s Saleh declares alliance with Houthis. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2015/5/11/yemens-saleh-declares-alliance-with-houthis>

Al Jazeera (2022, 29 de Março). Gulf states hold Yemen talks despite boycott by the Houthis. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/29/gulf-states-to-hold-yemen-talks-despite-boycott-by-houthi-rebels>

Al-Muslimi, F. (2015). How Sunni-Shia Sectarianism Is Poisoning Yemen. *Carnegie Middle East Center*. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/diwan/62375>

Arab News (2022, 6 de Novembro). Saudi Project clears 958 Houthi mines in Yemen. *Arab News*. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/2194361/saudi-arabia>

Assembleia Geral da ONU (2021). Combating glorification of Nazism, neo-Nazism and other practices that contribute to fuelling contemporary forms of racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance. Resolução A/RES/76/149. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3951466>

Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (1995). Application by Ukraine for membership of the Council of Europe. Debate da Assembleia a 26 de Setembro de 1995 (26ª sessão). Disponível em: <https://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=13929&lang=en>

Associated Press (2022a, 19 de Junho). In Yemen Child Soldiering Continues Despite Houthi Promise. *Associated Press*. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/in-yemen-child-soldiering-continues-despite-houthi-promise-/6619853.html>

Associated Press (2022b, 22 de Setembro). EXPLAINER: What’s behind referendums in occupied Ukraine? *Associated Press*. Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-ukraine-moscow-referendums-crimea-dfa7e0aa150b2e12bf92ac070ba00879>

Baum, M. A., & Zhukov, Y. M. (2018). Media Ownership and News Coverage of International Conflict. *Political Communication*, 36(1), 36–63.

Bayulgen, O., & Arbatli, E. (2013). Cold War redux in US–Russia relations? The effects of US media framing and public opinion of the 2008 Russia–Georgia war. *Communist and Post-Communist Studies*, 46(4), 513–527.

BBC News (2014, 23 de Abril). Ukraine's sharp divisions. *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26387353>

BBC News (2021, 10 de Dezembro). Russia Ukraine: Putin compares Donbas war zone to genocide. *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-59599066>

BBC News (2023, 24 de Fevereiro). Has Putin's war failed and what does Russia want from Ukraine? *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-56720589>

Berinsky, J. A., & Kinder, R. D. (2006). Making Sense of Issues Through Media Frames: Understanding the Kosovo Crisis. *The Journal of Politics*, 68(3) 640–656.

Beattie, P., & Milojevich, J. (2017). A Test of the “News Diversity” Standard: Single Frames, Multiple Frames, and Values Regarding the Ukraine Conflict. *The International Journal of Press/Politics*, 22(1), 3–22.

Borger, J., Rankin, J., Farrer, M. (2022, 11 de Março). Russia makes claims of US-backed biological weapon plot at UN. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/11/russia-un-claims-us-backed-biological-weapon-plot-kremlin-foreign-fighters-ukraine>

Brantner, C., Lobinger, K., Wetzstein, I. (2011). Effects of Visual Framing on Emotional Responses and Evaluations of News Stories about the Gaza Conflict 2009. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 88(3), 523–540.

Brás, T. (2022). The impact of watching political comedy on political opinions [Tese de Mestrado]. Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Brewer, P. R., Graf, J., Willnat, L. (2003). Priming or Framing: Media Influence on Attitudes toward Foreign Countries. *Gazette*, 65(6), 493–508.

Brown, R. (2003). Spinning the War: Political Communications, Information Operations and Public Diplomacy in the War on Terrorism. *War and the Media: Reporting conflict 24/7*, 87–100.

Bullock, B. J., & Vedlitz, A. (2017). Emphasis Framing and the Role of Perceived Knowledge: A Survey Experiment. *Review of Policy Research*, 34(4), 485–503.

Cacciatore, A. M., Scheufele, A. D., Iyengar, S. (2016). The End of Framing as we Know it ... and the Future of Media Effects. *Mass Communication and Society*, 19(1), 7–23.

Casier, T. (2022). Why Did Russia and the EU Clash Over Ukraine in 2014, But Not Over Armenia?. *Europe-Asia Studies*, 74(9), 1676–1699.

Clausen, M. (2018). Competing for Control over the State: The Case of Yemen. *Small Wars & Insurgencies*, Taylor & Francis Journals, 29(3), 560–578.

(S.d). Iémen: a maior crise humanitária do mundo. *Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental, ONU*. <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>

Chong, D., & Druckman, J. N. (2007a). Framing theory. *Annual Review of Political Science*, 10(1), 103–126.

Chong, D., & Druckman, J. N. (2007b). Framing public opinion in competitive democracies. *American Political Science Review*, 101(4), 637–655.

Chong, D., & Druckman, J. N. (2013). Counter-Framing Effects. *The Journal of Politics*, 75(1), 1–16

Coleman, R., McCombs, M., Shaw, D., & Weaver, D. (2009). Agenda Setting. Em K. Wahl Horgensen & T. Hanitzsch (Eds.) *The Handbook of Journalism Studies*, 147–160. Cambridge University Press.

Cooper, H. & Barnes, J.E. (2022, 10 de Setembro). Ukrainian Officials Drew on US Intelligence to Plan Counteroffensive. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/09/10/us/politics/ukraine-military-intelligence.html>

Council of Europe (1994). Agreements establishing the Commonwealth of Independent States.

Council on Foreign Relations (S.d). 1991 – 2024 Ukraine’s Struggle for Independence in Russia’s Shadow. *Council on Foreign Relations*. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/ukraines-struggle-independence-russias-shadow>

Darasz, J. (2024, 31 de Julho). Warsaw remembers the cost and sacrifice of 1944 uprising. *TVP*. Disponível em: <https://tvpworld.com/79576085/warsaw-uprising-80-years-on>

De Carbonnel, A. (2014, 5 de Junho). Fighting rages in eastern Ukraine town, residents flee. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/ukraine-crisis-fighting-idINKBN0EF2GM20140604/>

De Vreese, C. H. (2004). The effects of frames in political television news on issue interpretation and frame salience. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 81(1), 36–52.

De Vreese, C. H. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal + Document Design*, John Benjamins Publishing Company, 13(1) 51–62.

De Vreese, C., Boomgarden, H. G. (2003). Valenced news frames and public support for the EU. *Journal Communications*, 28(4), 361–381.

De Vreese, C., Boomgarden, H. G. (2006). Media Effects on Public Opinion About the Enlargement of the European Union. *Journal of Common Market Studies*, 44(2), 419–436.

De Vreese, C. H., Boomgaarden, H. G., Semetko, H. A. (2011). (In)direct Framing Effects: The Effects of News Media Framing on Public Support for Turkish Membership in the European Union. *Communication Research*, 38(2) 179–205.

Dickinson, P. (2023, 23 de Agosto). Ukraine’s fight against Russian imperialism is Europe’s longest independence struggle. *Atlantic Council*. Disponível em:

<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/ukraines-fight-against-russian-imperialism-is-europes-longest-independence-struggle/>

Dimitrova, D. V., Kaid, L. L., Williams, A. P., Trammell, K. D. (2005). War on the Web: The Immediate News Framing of Gulf War II. *The International Journal of Press/Politics*, 10(1), 22-44.

Druckman, J. N. (2001a) The implications of framing effects for citizen competence. *Political Behavior*, 23, 225–256.

Druckman, J. N. (2001b). On the limits of framing effects: Who can frame? *The Journal of Politics*, 63, 1041–1066.

Druckman, J. N. (2011). What's It All About? Framing in Political Science. *Perspectives on Framing*, 282-296. New York: Psychology Press / Taylor & Francis.

Druckman, J. N., Greene, D. P., Kuklinski, J. H., & Lupia, A. (Eds.). (2011). Experimentation in Political Science. *Cambridge Handbook of Experimental Political Science*, Capítulo 1, 13–12. Cambridge: Cambridge University Press.

Druckman, J. N., & Nelson, K. R. (2003). Framing and deliberation: How citizens' conversations limit elite influence. *American Journal of Political Science*, 47(4), 729–745.

Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Philadelphia: Harcourt Brace Jovanovich.

Edmonson, C. (2022, 7 de Setembro). Lawmakers Press Biden to Track U.S. Aid Tied to Civilian Harm in Yemen. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/09/07/us/politics/biden-aid-yemen-saudi-arabia.html>

Entman, M. R. (1991). Framing US coverage of international news: Contrast in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of Communication*, 41(4), 6–27.

Entman, M. R. (1993). Framing: Towards Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43 (4), 51–58.

Entman, R. (2007). Framing bias: media in the distribution of power. *Journal of Communication*, 57(1), 163–173.

Entman, M. R., Matthes, J., Pellicano, L. (2008). Nature, Sources, and Effects of News Framing. *The Handbook of Journalism Studies Routledge*, 175–190.

Escritório do Alto-comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (2016). Report on the human rights situation in Ukraine 16 February to 15 May 2016. Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Countries/UA/Ukraine_14th_HRMMU_Report.pdf

Evans, M. (2010). Framing international conflicts: Media coverage of fighting in the Middle East. *International Journal of Media and Cultural Politics*, 6(2), 209–233.

Exame (2014, 16 de Abril). Manifestantes proclamam a criação de república de Odessa. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/mundo/manifestantes-proclamam-a-criacao-de-republica-de-odessa/>

Fengler, S., Kreutler, M., Alku, M., Barlovac, B., Bastian, M., Bodrunova, S. S., Brinkmann, J., Dingerkus, F., Hájek, R., Knopper, S., Kus, M., Láb, F., Lees, C., Litvinenko, A., Medeiros, D., Orlova, D., Ozolina, L., Paluch, A., Nicoleta Radu, R., Stefanikova, S., Veldhoen, H., Zguri, R. (2020). The Ukraine conflict and the European media: A comparative study of newspapers in 13 European countries. *Journalism*, 21(3), 399–422.

Gaines, J. B., & Kuklinski, H. J. (2011). Treatment Effects. *Cambridge Handbook of Experimental Political Science*. Cambridge University Press.

Geraghty, J. (2022, 23 de Fevereiro). Biden's Contempt for the 'Rules-Based Order'. *National Review*. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/the-morning-jolt/bidens-contempt-for-the-rules-based-order/>

Goffman, E. (1974). Frame analysis: An essay on the organization of experience. Nova Iorque: Harper & Row.

Goncharenko, R. (2022, 16 de Março). Batalhão Azov: heróis da Ucrânia ou extremistas? *DW*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/batalh%C3%A3o-azov-her%C3%B3is-da-ucr%C3%A2nia-ou-extremistas/a-61152899>

Gülay, Z. T. (2022, 23 de Outubro). Yemen's National Defense Council labels Houthis as terror group. *Anadolu Agency*. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/yemens-national-defense-council-labels-houthis-as-terror-group/2718571>

Habermas, J. (2006). Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. *Communication Theory*, 16(4), 411–416.

Hamad, A. (2022, 12 de Outubro). Saudi Arabia's FM says efforts to extend Yemen truce 'still in place'. *Al Arabya English*. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/News/saudi-arabia/2022/10/12/Saudi-Arabia-s-FM-says-efforts-to-extend-Yemen-truce-still-in-place->

Han, G. K., Chock, T. M., & Shoemaker, P. J. (2009). Issue Familiarity and Framing Effects of Online Campaign Coverage: Event Perception, Issue Attitudes, and the 2004 Presidential Election in Taiwan. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 86(4), 739–755.

Hartnett, L. (2022, 2 de Março). The long history of Russian imperialism shaping Putin's war. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2022/03/02/long-history-russian-imperialism-shaping-putins-war/>

Hawkins, V. (2011). Media selectivity and the other side of the CNN effect: the consequences of not paying attention to conflict. *Media, War & Conflict*, 4(1), 55–68.

Herman, E. S., & Chomsky, N. (1988). *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Nova Iorque: Pantheon Books.

Hodge, N. (2019, 22 de Julho). Ukraine's comedian president won big in parliamentary elections. It will strengthen his hand against Putin. *CNN*. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/07/22/europe/ukraine-elections-zelensky-putin-intl/index.html>

Hyde, S. D. (2010). The future of field experiments in international relations. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 628(1), 72–84.

i24News (2022, 4 de Novembro). Yemen's Houthi rebels committed war crimes since truce expired - UN. *i24News*. Disponível em: <https://www.i24news.tv/en/news/middle-east/the-gulf/1667572954-yemen-s-houthi-rebels-committed-war-crimes-since-truce-expired-un>

Interfax-Ukraine (2014, 5 de Maio). Luhansk regional council backs referendum on region's status. *Kyiv Post*. Disponível em: <https://www.kyivpost.com/post/9070>

International Crisis Group (2017). Discord in Yemen's North Could Be a Chance for Peace. Crisis Group Middle East Briefing, N°54. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/54-discord-yemens-north-could-be-chance-peace>

Islamic Republic News Agency (2022a, 3 de Agosto). Iran says backs Yemen truce extension. *Islamic Republic News Agency*. Disponível em: <https://en.irna.ir/news/84843889/Iran-says-backs-Yemen-truce-extension>

Islamic Republic News Agency (2022b, 5 de Abril). Why US still backs Saudi-led war on Yemen? *Islamic Republic News Agency*. Disponível em: <https://en.irna.ir/news/84705560/Why-US-still-backs-Saudi-led-war-on-Yemen>

Islamic Republic News Agency (2022c, 18 de Abril). Iran welcomes peace in Yemen: MP. *Islamic Republic News Agency*. Disponível em: <https://en.irna.ir/news/84721194/Iran-welcomes-peace-in-Yemen-MP>

ITV (2014, 24 de Maio). 'More than 50 killed' in Donetsk fighting. *ITV*. Disponível em: <https://www.itv.com/news/story/2014-05-24/ukraine-presidential-elections/?page=15>

Iyengar, S. (1990). The Accessibility bias in politics: Television News and Public Opinion. *International Journal of Public Opinion Research*, 2(1), 1–15.

Iyengar, S. (2011). Laboratory Experiments in Political Science. *Cambridge Handbook of Experimental Political Science*. Cambridge University Press.

Iyengar, S., & Kinder, D.R. (2010). *News That Matters, Television and American Opinion*, Updated Edition. University of Chicago Press.

Iyengar, S., & Simon, A. (1993). News Coverage of the Gulf Crisis and Public Opinion: A Study of Agenda-Setting, Priming and Framing. *Communication Research*, 20(3), 365–383.

John, T., & Lister, T. (2022, 30 de Março). A far-right battalion has a key role in Ukraine's resistance. Its neo-Nazi history has been exploited by Putin. *CNN*. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/03/29/europe/ukraine-azov-movement-far-right-intl-cmd/index.html>

Jones, T. M., Van Aelst, P., & Vliegthart, R. (2013). Foreign Nation Visibility in U.S. News Coverage: A Longitudinal Analysis (1950-2006). *Communication Research*, 40(3), 417-436.

Juneau, T. (2016). Iran's policy towards the Houthis in Yemen: A limited return on a modest investment. *International Affairs*, 92 (3), 647-663.

Kaiser, J. (2020). Emphasis Framing Effects in Political Communication: An Experimental Approach to the Role of Issue-Specific Argument Strength, Cross Thematic Salience Emphasis Frames, and Political Value Preferences in Citizens' Attitude Formation [Tese de Doutorado]. Faculdade de Artes e Ciências Sociais da Universidade de Zurich.

Katz, E. & Lazarsfeld, P. F. (1955). *Personal influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communications*. Glencoe, IL: Free Press.

Khelifi, R., d'Hauthuille, V., Nevola, L. (2022, 14 de Outubro). Violence in Yemen during the UN-Mediated Truce. ACLED. Disponível em: <https://acleddata.com/2022/10/14/violence-in-yemen-during-the-un-mediated-truce-april-october-2022/>

Kinder, D. (1998). Communication and opinion. *Annual Review of Political Science* 1(1), 167-197.

Kiousis, S., Bantimaroudis, P., & Ban, H. (1999). Candidate Image Attributes: Experiments on the Substantive Dimension of Second Level Agenda Setting. *Communication Research*, 26(4), 414-428.

Kirby, P. (2023, 24 de Fevereiro). Has Putin's war failed and what does Russia want from Ukraine?. *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-56720589>

Kuzio, T. (2005) From Kuchma to Yushchenko Ukraine's 2004 Presidential Elections and the Orange Revolution. *Problems of Post-Communism*, 52(2), 29-44.

Lanlan, H., Fandi, C. (2022a, 7 de Março). GT investigates: Evidence suggests US may have supported neo-Nazi Azov Battalion. *Global Times*. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202203/1254217.shtml>

Lanlan, H., Fandi, C. (2022b, 17 de Maio). 'Neo-Nazism' poisons Ukraine, Europe under US, West's connivance. *Global Times*. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202205/1265888.shtml>

Lasswell, D. H. (1927). The Theory of Political Propaganda. *The American Political Science Review*, 21(3), 627-631.

Lazarsfeld, P., Berelson, B. & Gaudet, H. (1944). *The People's Choice: How the Voter Makes Up His Mind in a Presidential Campaign*.

Lecheler, K.S., Schuck, A., Claes, H.M. (2013). Dealing with feelings: Positive and negative discrete emotions as mediators of news framing effects. *Communications*, 38(2), 189-209.

Lehne, S. (2023, 28 Fevereiro). After Russia's War Against Ukraine: What Kind of World Order?. *Carnegie Europe*. Disponível em: <https://carnegieeurope.eu/2023/02/28/after-russia-s-war-against-ukraine-what-kind-of-world-order-pub-89130>

Leeper, T.J. & Slothuus, R. (2018). Can Citizens Be Framed? How Persuasive Information More than Emphasis Framing Changes Political Opinions. *American Political Science Review*, 106(4), 1-21.

Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company.

Matthes, J. (2009). What's in a frame? A content analysis of media framing studies in the world's leading communication journals, 1990-2005. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 86(2), 349–367.

McCombs, M., Llamas, P. J., Lopez-Escobar, E., Rey, F. (1997). Candidate Images in Spanish Elections: Second-Level Agenda-Setting Effects. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 74(4), 703–717.

McCombs, M., Shaw, D. (1972). The Agenda-Setting Function of Mass Media. *The Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176–187.

McCombs, M. (2011). The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion.

McCombs, M. (2005). A Look at Agenda-setting: past, present and future. *Journalism Studies*, 6(4), 543–557.

McCombs, M. E., & Ghanem, S. L. (2001). The convergence of agenda setting and framing. Em: S. D. Reese, O. H. Gandy JR., & A. E. Grant (Eds.), *Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world*, 67–82.

McDermott, R. (2002). Experimental methods in political science. *Annual Review of Political Science*, 5(1), 31–61.

McKernan, B. (2018, 21 de Novembro). Who are the Houthis and why are they fighting the Saudi coalition in Yemen? *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/nov/21/who-are-the-houthis-fighting-the-saudi-led-coalition-in-yemen>

Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia (2024). OTAN. Disponível em: <https://mfa.gov.ua/pt/relacoes-exteriores/otan-pt>

Moniz, J. (2016). Framing politicians: the effects of exposure to fictional political dramas [Tese de Mestrado]. Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro.

Montgomery, M. (2021). A Timeline of the Yemen Crisis, from the 1990s to the Present. Arab Center Washington DC. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/a-timeline-of-the-yemen-crisis-from-the-1990s-to-the-present/>

Morton, R. B., & Williams, K. C. (2009). From Nature to the Lab: The Methodology of Experimental Political Science and the Study of Causality. Cambridge: Cambridge University Press.

OTAN (2020). Partnership for Peace Programme.

Narayanan, A. (2022, 5 de Novembro). Saudi Arabia to build \$1.5 million healthcare center in Yemen's Hadramawt. *Al Arabyia English*. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/News/saudi-arabia/2022/11/05/Saudi-Arabia-to-build-1-5-million-healthcare-center-in-Yemen-s-Hadramawt>

Nasser, M. (2022, 8 de Novembro). Saudi Arabia Largest Donor to Humanitarian Effort in Yemen. *Asharq Al-Awsat*. Disponível em: <https://english.aawsat.com/home/article/3975471/saudi-arabia-largest-donor-humanitarian-effort-yemen>

Nelson, T. E., & Oxley, Z. M. (1999). Issue framing effects on belief importance and opinion. *The Journal of Politics*, 61(4), 1040–1067.

Nelson, T. E., Clawson, R. A., & Oxley, Z. M. (1997). Media framing of a civil liberties conflict and its effect on tolerance. *American Political Science Review*, 91(3), 567–583.

Neuman, S. (2014, 7 de Abril). Mob In Ukraine Seizes Provincial Building, Declares Independence. *National Public Radio*. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2014/04/07/300260435/mob-in-ukraine-seizes-provincial-building-declares-independence>

Newsweek (2016, 9 de Fevereiro). Rise of the Houthis. *Newsweek*. Disponível em: <https://www.newsweek.com/photo-essay-rise-houthis-305511>

Nichols, M. & Landay, J. (2021, 22 de Abril). Iran provides Yemen's Houthis 'lethal' support , U.S. official says. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-yemen-security-usa-idUSKBN2C82H1>

Nina, S. R. (2016). As eleições presidenciais de 1986: os debates Mário Soares vs. Freitas do Amaral. Qual o poder da televisão? [Tese de Mestrado]. Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Nina, S. R., & Santana-Pereira, J. (2021). Feasting our eyes on the candidates: visual cues in televised debates prime personality traits of lesser known candidates and promote learning. *International Journal of Press-Politics*, 26 (1), 236–255.

Nuclear Threat Initiative. Commonwealth of Independent States (CIS). Disponível em: <https://www.nti.org/education-center/treaties-and-regimes/commonwealth-independent-states-cis/>

Orkaby, A. (2017). Yemen's Humanitarian Nightmare: The Real Roots of the Conflict. *Foreign Affairs*, 96(6), 93–101.

Pan, Z. & Kosicki, G. M. (1993). Framing Analysis: An Approach to News Discourse. *Political Communication*, 10(1), 55–75.

Price, V., Tewksbury, D., & Powers, E. (1997). Switching trains of thought: The impact of news frames on readers' cognitive responses. *Communication Research*, 24(5), 481–506.

Puglisi, R. (2015). Heroes or Villains? Volunteer Battalions in Post-Maidan Ukraine. *Working Paper 15/08*. Istituto Affari Internazionali.

Reuters (2022, 3 de Agosto). Yemen's warring parties agree only to renew two-month truce, U.N. says. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/yemens-warring-parties-only-agree-roll-over-two-month-truce-says-un-2022-08-02/>

Reuters (2022, 17 de Maio). Last defenders of Mariupol: what is Ukraine's Azov Regiment? *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/last-defenders-mariupol-what-is-ukraines-azov-regiment-2022-05-17/>

Rill, L. A., & Davis, C. B. (2008). Testing the second-level of agenda setting: Effects of News Frames on reader-assigned attributes of Hezbollah and Israel in the 2006 War in Lebanon. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 85 (3), 609–624.

Santana Pereira, J. (2024). *Agenda-Setting: When the media tells us what to think about*. Lisboa: Edições Sílabo.

Santana Pereira, J., Cruz, P., & Brás, T. (2024). Método Experimental. *Manual de Métodos de Investigação em Ciência Política*, Capítulo 4. Lisboa: Almedina, 85–106.

Scheufele, D. A. (1999). Framing as a Theory of Media Effects. *Journal of Communication*, 49(1), 103–122.

Scheufele, D. A. (2000). Agenda-setting, Priming and Framing Revisited: Another Look at Cognitive Effects of Political Communication. *Mass Communication & Society*, 3(2&3), 297–316.

Scheufele, D. A. & Tewksbury, D. (2007). Framing, Agenda Setting, and Priming: The Evolution of Three Media Effects Models. *Journal of Communication*, 57, 9–20.

Schuck, A. R. T., & De Vreese, C. H. (2006). Between Risk and Opportunity: News Framing and its Effects on Public Support for EU Enlargement. *European Journal of Communication*, 21(1), 5–32.

Schuck, A. R. T., & Feinholdt, A. (2015). News Framing Effects and Emotions. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*, 1–15.

Shehata, A., Glogger, I., Djerf-Pierre, M., Zuiderveld, M., Åhrén, C., & Hedenus, F. (2024). Same News Frames, Different Issues: Issue Familiarity and Dynamic Framing Effects. *Communication Research*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/00936502241259690>

Simon, A., & Xenos, M. (2000). Media Framing and Effective Public Deliberation. *Political Communication*, 17(4), 363–376.

Slothuus, R. (2008). More Than Weighting Cognitive Importance: A Dual-Process Model of Issue Framing Effects. *Political Psychology*, 29(1), 1–29.

Sobel, M. R., Kim, S., & Riffe, D. (2020). The World at War: Three and a Half Decades of New York Times Conflict Coverage. *Media, War & Conflict*, 13(2), 170–187.

Soroka, N. S. (2003). Media, Public Opinion, and Foreign Policy. *Press/Politics*, 8(1), 27–48.

Soroka, S., Loewen, P., Fournier, P., Rubenson, D. (2016). The Impact of News Photos on Support for Military Action. *Political Communication*, 33(4), 563–582.

Sputnik (2022, 24 de Fevereiro). Putin Authorizes Special Operation in Donbass. *Global Times*. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202202/1253052.shtml>

Tarasiuk, T., Burkovskiy, P., Haran, O. (2024). From Underdogs to Masters of Modern Warfare: The Transformation of Ukrainian Nationalist Movements in 2022 - 2023. *Strategic Paper No. 16*. The Arab Center for Research and Policy Studies.

Taylor, L. (2011, 26 de Setembro). Yemen's Hijacked Revolution: New Protests Pushed Aside by Old Rivalries in Sanaa. *Human Rights Watch*. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2011/09/26/yemens-hijacked-revolution>

Tehran Times (2024, 1 de Agosto). Raisi says Iran fully backs peace and lifting siege on Yemen. *Tehran Times*. Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/474091/Raisi-says-Iran-fully-backs-peace-and-lifting-siege-on-Yemen>

The New Arab (2022, 17 de Outubro). Why the Houthis refused to extend Yemen's truce. *The New Arab*. Disponível em: <https://www.newarab.com/analysis/why-houthis-refused-extend-yemens-truce>

Tisdall, S. (2015, 26 de Março). Iran-Saudi proxy war in Yemen explodes into region-wide crisis. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/mar/26/iran-saudi-proxy-war-yemen-crisis>

Umland, A. (2019). Irregular Militias and Radical Nationalism in Post Euromaidan Ukraine: The Prehistory and Emergence of the “Azov” Battalion in 2014. *Terrorism and Political Violence*, 31(1), 105–131.

US Department of State (2022). \$400 Million in Additional Security Assistance for Ukraine.

US Department of State b (2022). U.S. Security Cooperation With Ukraine.

Viser, M. (2003). Attempted Objectivity: An Analysis of the New York Times and Ha'aretz and Their Portrayals of the Palestinian-Israeli Conflict. *Harvard International Journal of Press/Politics*, 8(4), 114–120.

Walker, S. & Luhn, A. (2014, 25 de Maio). Petro Poroshenko wins Ukraine presidency, according to exit polls. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/may/25/petro-poroshenko-ukraine-president-wins-election>

Weaver, H. D. (2007). Thoughts on Agenda Setting, Framing, and Priming. *Journal of Communication*, 57, 142–147.

Woods, J. (2011). Framing terror: an experimental framing effects study of the perceived threat of terrorism. *Critical Studies on Terrorism*, 4(2), 199–217.

Wu, D. H. (2000). Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*, 50(2), 110–130.

Zaller, J. (1992). *The Nature and Origins of Mass Opinion*. Nova Iorque: Cambridge University.

Anexos

Anexo 1. Os conflitos: Considerações contextuais

1.1 Conflito na Ucrânia

Perante a dissolução iminente da URSS, a Ucrânia tornou-se independente em 1991 (Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, 1995) e aderiu à CEI (Nuclear Threat Initiative). Em 1994, após aderir ao TNP (Council on Foreign Relations) e ao Programa Parceria para a Paz da OTAN (Ministério dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, 2024), toma parte no Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança com a Rússia, Reino Unido e EUA (Council on Foreign Relations).

No seguimento das eleições presidenciais de 2004, disputadas entre Yushchenko e Yanukovych, dá-se a Revolução Laranja (Kuzio, 2005, p.30). Oposição e protestantes recusaram a vitória de Yanukovych, culminando na decisão do Tribunal Supremo da Ucrânia para a repetição das eleições e posterior vitória de Yushchenko (Kuzio, 2015, p. 41). No entanto, Yanukovych seria eleito para o mesmo cargo em 2010, voltando a ser contestado em 2014, num evento conhecido por Euromaidan. Por sua vez, os protestos de Euromaidan começaram no final de 2013, devido à decisão da administração de Yanukovych de não assinar um acordo de associação com a UE, que previa a implantação de uma Zona de Comércio Livre Abrangente e Aprofundada, incompatível com a adesão à UAE, fundada pela Rússia (Casier, 2022). Poroshenko, pró-UE, venceria as eleições presidenciais de 2014 (Walker & Luhn, 2014). A Revolução Laranja e Euromaidan traduzem uma clara polarização entre as regiões ocidentais e orientais, como demonstra a disparidade de resultados nas eleições de 2004 a 2014 (BBC, 2014b). Foi na sequência de Euromaidan que a Rússia anexou a Crimeia e que uma guerra foi iniciada entre a administração ucraniana e as entidades pró-russas de Donetsk e Luhansk. O MPRD ocupou edifícios do governo em Donbass (Neuman, 2014) e declarou Donetsk e Luhansk como repúblicas independentes, realizando posteriormente um referendo que determinaria que essa era a vontade popular (Al Jazeera, 2014), ainda que a legitimidade e legalidade deste seja colocada em causa (Associated Press, 2022). Estas questões traduzem-se nas representações mediáticas do MPRD, que ora é enquadrado como um movimento separatista e terrorista, ora como um movimento independentista que tem como fim ganhar independência face ao governo ucraniano.

Por outro lado, os protestos na praça de Maidan e a escalada do conflito no leste da Ucrânia marcaram o surgimento de unidades paramilitares voluntárias (Umland, 2009; Tarasiuk et al., 2024). Dos vários grupos, podemos destacar um movimento que desempenhou um papel crucial na defesa da Ucrânia, o Batalhão Azov, fundado formalmente como uma unidade policial voluntária sob alçada do ministério do interior (Tarasiuk et al., 2024, p.8). A natureza deste grupo, inicialmente de origem popular, transformou-se com a sua integração no Estado Ucraniano (Umland, 2009, p. 122). Tal como os demais batalhões, os Azov colmataram as falhas das autoridades estatais ucranianas, já que

intervieram quando estas se mostraram incapazes de enfrentar a ameaça a leste (Puglisi, 2015), um elemento particularmente forte na defesa de Mariupol (Umland, 2019; Tarasiuk et al., 2024). Por essas razões, os batalhões “personificam hoje para muitos ucranianos o ‘espírito heróico de Maidan’” (Puglisi, 2015, p.13). Por outro lado, a liderança do grupo Azov teve originalmente uma tendência neonazi que pode comprometer a opinião pública acerca do atual regimento (Umland, 2019). No entanto, Puglisi (2015) frisa que os membros dos batalhões formados pós 2014 são de origem variada, sendo que o batalhão Azov é o mais internacional (p. 7) e diversificado ideologicamente, rejeitando que todos os elementos sejam de extrema-direita e racistas (p. 8). Além da origem dúbia do batalhão, foram reportadas alegadas violações de direitos humanos perpetuadas pelo mesmo nas regiões a leste do país, acusado de prender, torturar, obstruir atividades jornalísticas e de violência sexual (ACNUDH, 2016). Todas estas questões contribuem para a dupla perspectiva em relação ao grupo Azov, ora retratado por um grupo nazi, ora visto como um grupo de heróis importantes na defesa da Ucrânia.

Zelensky venceria as eleições presidenciais de 2019, conquistando uma maioria parlamentar (Hodge, 2019). Durante a sua presidência, a Ucrânia juntou-se à Parceria de Oportunidades Reforçadas da OTAN e assinou uma alteração à constituição que previa a adesão do país à OTAN e UE (Council on Foreign Relations). Em 2021, ocorreu o maior aumento de tropas russas perto da fronteira com a Ucrânia e na Crimeia desde a anexação da última região (Council on Foreign Relations). No fim do ano, Putin solicitou garantias de segurança dos EUA e OTAN, designadamente restrições das atividades políticas e militares destes e a proibição do alargamento da OTAN, parâmetros que os EUA rejeitam (Council on Foreign Relations). Pouco tempo depois, em Fevereiro, a Rússia invadiu a Ucrânia. O envolvimento dos EUA na política e segurança ucranianas intensificou-se desde Euromaidan (US Department of State, 2022), o que pode ser encarado como uma razão para fundamentar o argumento de uma *proxy war* entre Rússia e EUA pelo território que divide as esferas de influência europeia e russa. Por um lado, Putin defende que a motivação da sua ação militar se prende à desmilitarização e desnazificação da Ucrânia, à proteção da população de etnia russa e à garantia de neutralidade da Ucrânia ao conter a expansão da OTAN (Kirby, 2023). Por outro lado, a ação militar russa é encarada como uma invasão de cariz imperialista lançada com o objetivo de restabelecer os territórios da antiga URSS (Dickinson, 2023; Hartnett, 2022).

1.2 Conflito no Iémen

Após a unificação do Iémen, em 1990, a tensão entre o movimento Houthi e o governo central foi crescendo, tendo resultado numa intensificação do conflito no ano de 2004 (Juneau, 2016). No início de 2011, deram-se vários protestos que apelavam ao fim do regime de 33 anos do presidente Saleh, inspirados pelo início da Primavera Árabe na Tunísia (Tayler, 2011). No fim do ano, perante um acordo mediado pela Arábia Saudita e apoiado pelos EUA, Saleh concordou em abdicar do cargo, sendo substituído pelo vice-presidente, Hadi, embora tenha permanecido como chefe do partido Congresso Geral do Povo (Juneau, 2016).

Consequentemente, o ano de 2013 iniciou-se com uma conferência que reunia o governo e os grupos de oposição, com o intuito de escrever a constituição e reorganizar o país em seis províncias (Orkaby, 2017). Os Houthis rejeitaram o acordo, já que este iria enfraquecer o seu poder a norte, pelo que se seguiram protestos anti-governo, a captura da capital, Sanaa e a dissolução do parlamento pelos mesmos, em 2015, sendo que Hadi foi forçado a demitir-se e o movimento criou um comité para substituir o governo (Orkaby, 2017). Hadi fugiria para a Arábia Saudita, mediante os avanços dos Houthi a sul do país (Montgomery, 2021).

Em Março de 2015, a formação da coligação de estados árabes¹⁰ (CCG) foi anunciada pela Arábia Saudita, alegando que o seu principal objetivo seria atacar posições dos Houthis, de forma a fazê-los recuar e reintegrar o presidente internacionalmente reconhecido, Hadi (Juneau, 2016, p. 654). Outra razão apresentada prende-se ao facto dos Houthi representarem um *proxy* do expansionismo iraniano a ser contido, o que resultou no apoio de países árabes e dos EUA (Orkaby, 2017). O apoio destes últimos deu-se através de treino militar das forças sauditas, disponibilização de bases aéreas para reabastecimento e venda de armamento (Orkaby, 2017). Em Maio do mesmo ano, Saleh anuncia uma aliança formal com os Houthis, após um ataque da CCG à sua casa em Sanaa (Al Jazeera, 2015). Contudo, Orkaby (2017) frisa que a preocupação da Arábia Saudita com a segurança da fronteira sul com o Iémen afigura outra razão para a intervenção. Relativamente ao apoio do Irão aos Houthis, o autor lembra que estes já se apresentavam como uma alternativa ao governo antes de obterem qualquer apoio externo. Outros autores (Juneau, 2016; Clausen, 2018) concordam que a influência iraniana foi reduzida até à ocorrência da ação militar, mesmo que esta tenha aumentado o interesse do Irão no Iémen. Devido às razões apresentadas, os meios de comunicação, nomeadamente as notícias que foram usadas para criar estímulos, espelharam diferentes perspetivas do papel iraniano, ora focadas numa narrativa de apoio à libertação do povo iemenita e movimento houthi, ora como uma instigação da escalada de conflito baseada em interesses próprios.

Na zona norte do Iémen, nomeadamente para os Houthi, a guerra é sobretudo uma luta nacional (International Crisis Group, 2017). Orkaby (2017) reforça que os ataques aéreos realizados pela Arábia

¹⁰ Coligação liderada pela Arábia Saudita e composta pelos Emirados Árabes Unidos, Egito, Marrocos, Jordânia, Bahrein, Sudão, Senegal, Kuwait e Catar, sendo que este último apenas participou até 2017.

Saudita e CCG resultaram no colapso económico do Iémen. Para além disso, o autor refere que a coligação, com apoio dos EUA, tem bloqueado portos e dificultado o transporte de mercadorias, criando um obstáculo à ajuda humanitária e ao deslocamento de feridos. Assim, a natureza do conflito tem sido vista como uma guerra por procuração (Tisdall, 2015) entre o Irão e a Arábia Saudita, ou até um conflito sectário (Al-Muslimi, 2015); enquanto outros consideram que o mesmo é essencialmente político e interno, promovido pela competição pelo controlo legítimo do Estado (Clausen, 2018; Juneau, 2016). Neste contexto, Clausen (2018, p. 562) considera que a essência do movimento dos Houthis alterou em consonância com as mudanças no contexto político, sendo que a sua fundação tem como principal motivo a retificação da alienação política e económica do norte do Iémen pelo governo. Com a guerra, os Houthis passaram a ser vistos como uma resistência à repressão do governo, o que permitiu a sua consolidação e expansão (Clausen, 2018, p. 566). Só após a revolta de 2011 é que desenvolveram a sua agenda política, domínio militar e expansão territorial, embora não tenham conseguido consolidar o controlo sob o Estado Iemenita, principalmente devido à sua incapacidade de formar alianças e ao uso da repressão para atingir tal objetivo (Clausen, 2018, p. 571). Com isto, é possível entender a razão pela qual alguns média retratam os Houthis enquanto movimento de resistência e outros enquanto grupo terrorista, bem como alguma ambiguidade na descrição da natureza do conflito.

Anexo 2. Texto dado ao grupo Frame “Operação Militar especial”

Batalhão Azov - Neonazis ou propaganda de Putin? Entenda a origem do grupo

07 Março, 2022 14:50

Um vídeo, cujos protagonistas são membros da Guarda Nacional da Ucrânia (GNU), causou indignação no Twitter, onde os internautas fazem acusações de racismo. Este episódio voltou a trazer protagonismo ao designado Batalhão Azov, que muitos desconhecem. Afinal, quem é este grupo?

Na semana passada, a conta do Twitter da GNU partilhou o vídeo com a seguinte descrição: "Os combatentes azov da Guarda Nacional lubrificaram as balas com banha contra os orcs de Kadyrov". A expressão “orcs de Kadyrov” está relacionada com os muçulmanos da Tchétchénia. Não obstante a atitude crítica da maioria dos internautas, vários utilizadores elogiam o papel do Batalhão na defesa ucraniana.

Muitos desconhecem a origem do Batalhão, cuja formação se deu em 2014, após Euromaidan e as consequentes tensões civis que espoletaram entre o povo oriental e ocidental da Ucrânia. Os seus membros seguiam uma ideologia neonazi e de supremacia branca, o que não impediu o grupo de ser integrado no exército da Ucrânia, alguns meses após a sua formação, bem como a condecoração de alguns dos elementos pelo presidente Zelensky. Ademais, o Batalhão treina, frequentemente, com uniformes militares adornados com símbolos nazis, como o símbolo Totenkopf.

Além disso, o grupo foi acusado de deslocar residentes da zona de Donbass, berço do movimento popular independentista pró-russo, ao qual designam de separatista e terrorista, depois de saquear propriedades civis entre Novembro de 2015 e Fevereiro de 2016, de acordo com um relatório do Gabinete do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos (2016), para além das acusações de violações e tortura na região, violando o direito internacional e os acordos de Minsk.

Contudo, o Ocidente e a Ucrânia não parecem impedir a proliferação de grupos com esta ideologia perigosa. O Congresso Americano, por exemplo, em 2015, retirou a proibição de financiar grupos neonazis, como o Batalhão Azov. Já no final de 2021, o país, juntamente com a Ucrânia, foram os únicos a vetar o projecto de resolução das Nações Unidas denominado "combatendo a glorificação do nazismo, do neonazismo e de outras práticas que contribuem para alimentar formas contemporâneas de racismo", sendo que ambos têm votado contra esta resolução desde 2014.

No seguimento de demonstrações ideológicas como a deste vídeo, Vladimir Putin condenou a forma como o neonazismo tem sido encarado na Ucrânia, referindo que esta situação acabará por afectar os interesses dos países ocidentais. De facto, alguns observadores ocidentais acreditam que muitas milícias de direita, incluindo o Batalhão Azov, começaram a ter uma posição influente na Ucrânia após a crise da Crimeia em 2014, pelo que alguns ucranianos olham-nas com gratidão e admiração. Num contexto de crescente sentimento anti-Rússia na Ucrânia, as forças de extrema-direita ucranianas começaram a defender a glorificação dos crimes dos ultranacionalistas contra os cidadãos da região de Donbass e contra os activistas do movimento popular independentista pró-russo, bem como a supressão do estatuto da língua russa.

Putin declarou o início da operação militar especial, após o pedido de reconhecimento das zonas independentistas de Donbass, por parte do parlamento russo, tendo agido, consoante as suas palavras, a fim de "desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia" e proteger os russófonos independentistas de Donbass daquilo que chamou "anos de bullying e genocídio" pelo governo ucraniano, para além de pretender assegurar o estatuto neutro do país.

Anexo 3. Texto dado ao grupo Frame “Invasão Imperialista”

Batalhão Azov – Neonazis ou propaganda de Putin? Entenda a origem do grupo

07 Março, 2022 14:50

Desde 2014 que o Batalhão Azov tem um papel fundamental na defesa da Ucrânia, primeiro, do movimento separatista rebelde pró-russo da zona de Donbass, cujo objetivo era causar divisão na Ucrânia, e agora, em 2022, da invasão imperialista por parte da Rússia. No entanto, estes “heróis de Mariupol” permanecem desconhecidos para muitas pessoas. Mas, afinal, quem é o Batalhão Azov?

O Batalhão Azov, hoje denominado Regimento Azov, foi criado em Maio de 2014 com o propósito de ajudar o exército ucraniano na sua luta contra o movimento separatista rebelde pró-russo, na zona de Donbass, participando, de forma decisiva, na retomada da cidade de Mariupol por parte da Ucrânia. Em Março de 2022, o regimento voltou a defender a mesma cidade, na qual teve o seu quartel-general, mas, desta vez, dox invasores russos.

O grupo, que foi integrado na Guarda Nacional da Ucrânia no mesmo ano da sua criação, é acusado, por Putin, de ter ligações nazis, ultranacionalistas e de extrema-direita. Porém, estas acusações são apenas tentativas de desinformação e de propaganda russa para confundir o público, uma vez que o regimento já não tem qualquer associação com grupos extremistas e é composto por um grupo multiétnico de soldados. Na realidade, muitos ucranianos olham os soldados do regimento como heróis, combatentes que defendem corajosamente o seu país contra um agressor mais forte, representando a determinação e força do povo ucraniano em oposição ao movimento terrorista dentro do seu próprio país e à invasora Rússia.

Uma declaração do Batalhão Azov à CNN, no presente mês de Março, afirmou que “os ataques de desinformação ao Regimento Azov não param desde 2014”, acrescentando que o movimento “repetidamente negou as alegações de fascismo, nazismo e racismo” e tem ucranianos de todas as origens, incluindo “gregos, judeus, tártaros da Crimeia, russos” que “continuam a servir no Azov”. Ademais, a declaração afirma que o grupo é “uma unidade especial da Guarda Nacional da Ucrânia e está subordinada exclusivamente ao Comandante-e-Chefe Supremo – o Presidente da Ucrânia, aliás, um judeu”, pelo que “seria absurdo pensar que” estão “unidos pela ideia de racismo branco ou nazismo”.

Washington, outro actor importante no auxílio ao exército ucraniano na sua luta contra os invasores, também tem sido vítima das campanhas de desinformação russa, sendo acusado de iniciar “uma guerra química e biológica” contra Moscovo. Porém, a ajuda norte-americana nunca utilizou tais meios contra a Rússia, destinando-se apenas a defender a democracia e uma “ordem internacional baseada em regras”. No total, os Estados Unidos da América já contribuíram com mais de US\$ 18,9 bilhões em assistência de segurança à Ucrânia, desde o início do governo de Biden. Além disso, o país já auxiliou o exército ucraniano com informação dos seus serviços de inteligência, bem como no planeamento da contra-ofensiva que já logrou reconquistar, de Agosto a Novembro de 2022, uma grande parte do terreno que tinha sido ocupado pelos invasores russos.

A desinformação é uma arma decisiva no desenrolar desta guerra híbrida lançada pela Rússia. As fake news circulam de forma consistente e rápida, surgindo sob várias formas, como ilustram as acusações

vindas do Kremlin, que alegam tentativas de genocídio e violência contra a população e movimento pró-russo de Donbass levadas a cabo pelo governo ucraniano.

Anexo 4. Texto dado ao grupo Frame “Agressão Militar”

Trégua no Iémen terminou oficialmente este domingo e não foi anunciado prolongamento, apesar dos esforços dos Houthis

2 Outubro, 2022 22:26

As tréguas, que vigoraram desde Abril deste ano, não foram prorrogadas este domingo, 2 de Outubro, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), prolongando um conflito que é descrito pela organização internacional como a pior crise humanitária do mundo, onde mais de 250.000 pessoas foram mortas por causas directas ou indirectas.

Em Abril, mês em que se iniciaram as tréguas, votos de paz ecoavam na voz de vários detentores de cargos públicos iranianos, como o caso de um membro do Comité de Segurança Nacional e Política Externa do Parlamento iraniano, Abbas Moqtadaei, que lembrou que “se passaram sete anos desde o início da agressão contra o Iémen por uma coligação liderada pela Arábia Saudita”. Acrescentou, ainda, que “todos os muçulmanos em todo o mundo esperam que a Arábia Saudita, enquanto país importante do mundo muçulmano, pare com a agressão contra os muçulmanos no Iémen e, em vez disso, avance para a promoção da unidade entre os Estados”.

O papel dos Estados Unidos também tem sido criticado, principalmente por fornecerem, entre outras coisas, informações, assistência, armas e aviões de guerra, à coligação liderada pela Arábia Saudita, desde 2015, apesar da Administração Biden ter prometido acabar com o apoio dos EUA, prolongando o conflito que já gerou quatro milhões de deslocados, dois milhões dos quais são crianças. Além disso, o país absteve-se de pressionar a Arábia Saudita a pôr fim ao bloqueio na costa do Iémen, o que impediu a entrada de ajuda humanitária.

Quanto aos Houthis, após a revolução de 2011, muitos iemenitas encontraram esperança e estabilidade neste movimento de resistência. No final de 2014, o grupo detinha lealdade de grande parte do norte do país, o que resultou numa revolução bem sucedida. Este movimento de resistência exige tudo o que o povo anseia: a responsabilidade governamental, o fim da corrupção, serviços públicos regulares, preços justos dos combustíveis, oportunidades de emprego e o fim da influência ocidental. O grupo tentou prolongar as tréguas com base em exigências semelhantes, algo que tem sido consecutivamente rejeitado pelo governo iemenita.

Depois das tréguas estabelecidas entre o governo incompetente iemenita e o movimento de resistência dos Houthis em Abril, algo alcançado pelos esforços do enviado especial da ONU para o Iémen, Hans Grundberg, as partes prolongaram a paz por mais dois meses em Junho e, depois, a 2 de Agosto. No contexto das tréguas estabelecidas em Junho, Mahdi Al-Mashat, o chefe do Conselho Político Supremo do Iémen, responsável pelos territórios sob protecção dos Houthis, agradeceu o apoio incansável do Irão à população do Iémen, tanto nas tentativas de negociações, como em ajuda humanitária, mas, principalmente, pela promoção da voz do povo iemenita nos círculos internacionais.

A 2 de outubro, este domingo, a trégua mediada pela ONU no Iémen chegou ao fim, uma vez que as partes em conflito rejeitaram uma proposta para alargar o acordo, apresentada por Grundberg. O acordo previa o fim das operações militares ofensivas por parte dos Houthis e do governo iemenita. No geral, os seis meses de tréguas trouxeram vários benefícios à população iemenita, incluindo a melhoria

do acesso à ajuda humanitária, maiores oportunidades económicas e uma redução significativa da violência e das baixas em todo o país.

Anexo 5. Texto dado ao grupo Frame “Agressões Ilegítimas”

Exigências dos Houthis fazem terminar trégua no Iémen este domingo e não foi anunciado prolongamento

2 Outubro, 2022 22:26

As tréguas, que vigoraram desde Abril deste ano, não foram prorrogadas este domingo, 2 de Outubro, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), prolongando um conflito que é descrito pela organização internacional como a pior crise humanitária do mundo, onde mais de 250.000 pessoas foram mortas por causas directas ou indirectas.

Em Abril, marcou-se o início das tréguas acordadas entre os participantes do conflito, iniciado em 2015. No entanto, este acordo de tréguas foi dificultado pelas acções e exigências dos rebeldes terroristas Houthis e pelo respectivo apoio militar e logístico do Irão aos mesmos. Com as tréguas estabelecidas entre o governo iemenita e os Houthis, algo alcançado pelos esforços do enviado especial da ONU para o Iémen, Hans Grundberg, as partes prolongaram a paz por mais dois meses em Junho e, depois, a 2 de Agosto.

Contudo, nos últimos meses, mesmo com os esforços da Arábia Saudita, da coligação de países do Golfo e governo oficial do Iémen para manter a paz, tem sido difícil chegar a um consenso devido às condições colocadas pelos Houthis. Todas estas dificuldades levaram à não aceitação, pelas partes envolvidas no conflito, do novo acordo de tréguas, proposto em Outubro por Grundberg. Desde então, as milícias rebeldes Houthi continuam ameaçando o governo iemenita, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos com mais ataques destrutivos. Além disso, continuam a recrutar crianças para as suas fileiras militares, com o propósito de lutarem na guerra e já cometeram, com o apoio do Irão, vários crimes de guerra contra civis.

As Nações Unidas continuam a insistir numa trégua alargada, já que o período de tréguas permitiu uma redução significativa da violência e das baixas, mas o grupo terrorista Houthi não parece ceder. Além da ONU, os Estados Unidos (EUA) têm, também, um papel diplomático importante, como ilustra a viagem do enviado especial dos EUA para o Iémen, Tim Lenderking, que se dirigiu ao país para apoiar as negociações lideradas pela ONU. Adicionalmente, o país tem apoiado monetariamente a coligação liderada pela Arábia Saudita, tal como se verifica num relatório do Senado americano, de Junho deste ano, em que o Pentágono supervisionou a transferência de US\$ 54,6 mil milhões em ajuda militar à Arábia Saudita e aos Emirados Árabes Unidos de 2015 a 2021.

Enquanto a paz não se alcança, a Arábia Saudita, com o apoio decisivo dos EUA, é o maior doador de bens e serviços essenciais ao Iémen, – cerca de 30% da ajuda total – desde o início da guerra. Desde projectos para remoção de minas terrestres no país – sendo que mais de 1 milhão de minas foram plantadas pelos Houthis, ceifando a vida a centenas de civis – a centros de saúde, várias são as iniciativas empreendidas pela Arábia Saudita, para ajudar a aliviar o sofrimento do povo iemenita. Tal como relembra o ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita, o príncipe Faisal bin Farhan, os esforços para prolongar as tréguas no Iémen "ainda estão em vigor", sendo que "o Reino, a Coligação [Árabe] e o Governo iemenita estão todos interessados em prolongar as tréguas".

Anexo 6. Texto dado aos grupos de controlo

Populações globais de animais selvagens diminuíram 69% desde 1970 segundo o relatório da Organização Pela Vida dos Animais

22 Outubro, 2022 19:37

As populações mundiais de animais selvagens caíram em média 69% entre 1970 e 2022, um declínio perigoso resultante das alterações climáticas e de outras actividades humanas, afirma o relatório da Organização Pela Vida dos Animais, apresentado no Fórum Científico Internacional “Wild Life” na sexta-feira, 21 de Outubro.

Tal como refere o relatório, as zonas que apresentam o maior declínio regional da população de animais selvagens, em média 94%, são a América Latina e as Caraíbas. Actualmente, 1 milhão de plantas e animais enfrentam a extinção, com 1%-2,5% de mamíferos, aves, répteis, peixes e anfíbios já extintos. Mas os números não significam que 69% dos animais tenham sido varridos do planeta desde 1970, já que a fórmula utilizada calcula o declínio de uma determinada população de espécies em percentagem e, em seguida, faz uma média de todas as percentagens para chegar ao número principal.

Os animais menos conhecidos são os que se encontram em maior declínio, como o golfinho-do-rio-rosa da Amazónia, que registou um declínio populacional de 65% entre 1994 e 2016. A população de gorilas das planícies orientais da República Democrática do Congo caiu 80% entre 1994 e 2019, enquanto o leão marinho australiano perdeu 64% da sua população entre 1977 e 2019.

No entanto, o relatório da Organização Pela Vida dos Animais não inclui todos os animais, mas apenas os vertebrados, mesmo que os invertebrados sejam mais numerosos. Esta exclusão prende-se com o facto de ser mais difícil realizar pesquisas sobre os animais invertebrados.

O relatório sublinhou a importância de uma acção urgente por parte dos governos, das empresas e do público, já que uma das razões que levou a este declínio global foi o aquecimento do planeta em cerca de 1,2 graus Celsius. Em 2021, as temperaturas dos oceanos foram as mais quentes de que há registo pelo terceiro ano consecutivo. A perda de habitat e as barreiras às rotas de migração – por exemplo, barragens – são responsáveis por cerca de metade das ameaças que os peixes enfrentam.

Apesar do cenário catastrófico, o relatório reitera que uma acção transformadora imediata pode abrandar e até reverter estes resultados. Assim, o relatório apresentado no Fórum Científico Internacional “Wild Life” apresentou algumas soluções para apaziguar este declínio de vida selvagem, sendo uma delas a implementação de medidas que combatam as alterações climáticas, a fim de atingir o objectivo de zero emissões de carbono, bem como se reitera a importância de proteger e conservar a natureza e as espécies, dado que, actualmente, apenas 15% da terra é conservada e 8% dos oceanos. Quanto ao público em geral, as suas acções podem fazer a diferença, bastando consumir menos e procurar alternativas mais sustentáveis, de forma a reduzir a pressão enorme que existe sobre o planeta e a natureza.

A Organização Pela Vida dos Animais deverá apresentar novo relatório dentro de dois anos, na mesma Conferência Internacional, e, tal como o seu director, Arnauld Pierre, indicou “esperemos que com resultados mais favoráveis”.

Anexo 7. Questionário aplicado aos grupos alocados ao conflito russo-ucraniano

Questionário

Parte I - Nesta primeira parte do questionário, é-lhe solicitado que dê respostas abertas às seguintes perguntas, não ultrapassando o número de linhas existentes para resposta.

a) *Se tivesse que dar outro título a esta notícia, qual seria?*

b) *Como descreveria o conflito russo-ucraniano a alguém que nunca tivesse ouvido falar do mesmo?*

Parte II - Nesta secção do questionário, é-lhe solicitado que escolha uma das opções relativas ao actor em questão, colocando um “x” na caixa correspondente.

a) *Como classificaria a acção militar russa de 2022?*

- Operação militar especial em defesa do povo e movimento independentista de Donbass
- Invasão imperialista (pela Rússia) da Ucrânia
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

b) *Como classificaria a natureza do Batalhão Azov?*

- Grupo ultranacionalista neonazi
- Facção importante da Guarda Nacional da Ucrânia, defensora da integridade territorial
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

c) *Como classificaria a natureza do movimento pró-russo de Donbass?*

- Separatistas/terroristas rebeldes
- Movimento popular independentista pró-russo
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

d) Como classificaria a acção do governo ucraniano, de 2014 a 2022, em relação ao movimento pró-russo?

- Defesa da integridade territorial do seu país
- Perpetuação de crimes violentos com base na etnia russa
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

e) Como classificaria o papel dos Estados Unidos no conflito?

- Aliado importante da Ucrânia na sua luta contra a invasão russa
- Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

Parte III - Quão favorável é em relação à intervenção de cada um dos actores apresentados em baixo?

a) *Ucrânia:*

- | Muito favorável | Favorável | Nem favorável,
nem desfavorável | Desfavorável | Muito Desfavorável |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

b) *Rússia:*

- | Muito favorável | Favorável | Nem favorável,
nem desfavorável | Desfavorável | Muito Desfavorável |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

c) *Batalhão Azov:*

- | Muito favorável | Favorável | Nem favorável,
nem desfavorável | Desfavorável | Muito Desfavorável |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

d) *Movimento pró-russo de Donbass:*

- | Muito favorável | Favorável | Nem favorável,
nem desfavorável | Desfavorável | Muito Desfavorável |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

e) *Estados Unidos da América:*

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte IV - Esta secção contemplará questões demográficas e relativas ao seu posicionamento ideológico e dieta mediática.

a) *Qual a sua idade?* ____

b) *Qual o seu género?*

Feminino	Masculino	Outro
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

c) *Em política, as pessoas por vezes falam de esquerda e direita. Onde é que se posicionaria a si próprio(a) numa escala de 0 a 10, onde 0 significa “Esquerda” e 10 significa “Direita”?*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>										

d) *Dieta mediática:*

I. Numa semana normal, com que frequência lê ou assiste a notícias sobre a actualidade internacional?

Nunca ou menos de 1 vez por semana	<input type="checkbox"/>
1 a 2 vezes por semana	<input type="checkbox"/>
Várias vezes por semana	<input type="checkbox"/>
Todos os dias	<input type="checkbox"/>
Várias vezes por dia	<input type="checkbox"/>

II. Onde lê e/ou assiste a notícias internacionais mais frequentemente? Seleccione **três** opções:

Imprensa escrita (jornais e revistas físicas)	<input type="checkbox"/>
Sites/Aplicações de canais noticiosos	<input type="checkbox"/>
Televisão	<input type="checkbox"/>
Rádio	<input type="checkbox"/>
Páginas de redes sociais de canais noticiosos (Facebook, Instagram, Twitter, Telegram e Youtube)	<input type="checkbox"/>
Páginas de redes sociais de comentadores e pessoas influentes, como detentores de cargos públicos	<input type="checkbox"/>

III. Indique os três canais informativos (seja TV, jornais, redes sociais, etc) onde vê e/ou lê notícias sobre assuntos internacionais de forma mais frequente?

1. _____

2. _____

3. _____

Obrigada!

Anexo 8. Questionário aplicado aos grupos alocados ao conflito iemenita

Questionário

Parte I - Nesta primeira parte do questionário, é-lhe solicitado que dê respostas abertas às seguintes perguntas, não ultrapassando o número de linhas existentes para resposta.

a) *Se tivesse que dar outro título a esta notícia, qual seria?*

b) *Como descreveria o conflito do Iémen a alguém que nunca tivesse ouvido falar do mesmo?*

Parte II - Nesta secção do questionário, é-lhe solicitado que escolha uma das opções relativas ao actor em questão, colocando um “x” na caixa correspondente.

a) *Como classificaria a acção militar da Arábia Saudita e coligação sob sua liderança?*

- Agressão militar contra o povo Iemenita e movimento de resistência Houthi
- Apoio ao Governo oficial Iemenita contra as forças terroristas Houthi
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

b) *Como classificaria a natureza do movimento dos Houthis?*

- Grupo terrorista rebelde
- Movimento de resistência
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

c) *Como classificaria as acções do Irão no conflito?*

- Agressões contra o governo oficial do Iémen e instigação de uma escalada do conflito
- Apoio ao povo Iemenita e ao movimento de resistência Houthi
- Nem uma coisa nem outra
- Não sei

d) *Como classificaria a acção do Governo Iemenita em relação aos Houthis?*

- Defesa da integridade territorial do seu país e do seu governo legítimo
- Perpetuação de crimes violentos contra o movimento de resistência e seus apoiantes

Nem uma coisa nem outra
Não sei

e) Como classificaria o papel dos Estados Unidos no conflito?

Aliado importante do Governo Iemenita na sua luta contra as forças rebeldes Houthi
Instigador de uma escalada de guerra com base em interesses geopolíticos próprios
Nem uma coisa nem outra
Não sei

Parte III - Quão favorável é em relação a cada um dos actores apresentados em baixo?

a) Governo Iemenita:

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) Movimento dos Houthis:

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

c) Arábia Saudita e coligação sob sua liderança:

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

d) Irão:

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

e) *Estados Unidos da América:*

Muito favorável	Favorável	Nem favorável, nem desfavorável	Desfavorável	Muito Desfavorável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte IV - Esta secção contemplará questões demográficas e relativas ao seu posicionamento ideológico e dieta mediática.

a) *Qual a sua idade?* ____

b) *Qual o seu género?*

Feminino

Masculino

Outro

c) *Em política, as pessoas por vezes falam de esquerda e direita. Onde é que se posicionaria a si próprio(a) numa escala de 0 a 10, onde 0 significa “Esquerda” e 10 significa “Direita”?*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>										

d) *Dieta mediática:*

I. Numa semana normal, com que frequência lê ou assiste a notícias sobre a actualidade internacional?

Nunca ou menos de 1 vez por semana

1 a 2 vezes por semana

Várias vezes por semana

Todos os dias

Várias vezes por dia

II. Onde lê e/ou assiste a notícias internacionais mais frequentemente? Seleccione **três** opções:

Imprensa escrita (jornais e revistas físicas)

Sites/Aplicações de canais noticiosos

Televisão

Rádio

Páginas de redes sociais de canais noticiosos (Facebook, Instagram, Twitter, Telegram e Youtube)

Páginas de redes sociais de comentadores e pessoas influentes, como detentores de cargos públicos

III. Indique os três canais informativos (seja TV, jornais, redes sociais, etc) onde vê e/ou lê notícias sobre assuntos internacionais de forma mais frequente?

1. _____

2. _____

3. _____

Obrigada!